

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Maria Goretti de Oliveira

**A narrativa de Deus:
a força da teologia narrativa**

Mestrado em Teologia

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Maria Goretti de Oliveira

**A narrativa de Deus:
a força da teologia narrativa**

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia Sistemática, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Manzatto.

São Paulo

2018

Banca examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, João Garcêz de Oliveira e Maria de Lourdes Aleixo (in memoriam), por terem me ensinado com suas vidas e com suas histórias as verdades da fé e o significado do amor.

A Dissertação de Mestrado aqui apresentada contou com bolsa parcial da *Adveniat*, Alemanha.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão manifesta-se de modo particular a Deus, razão e sentido deste estudo.

À minha família que sempre me inspira na busca pela verdade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Manzatto, pelo valor e exatidão de suas observações e pelo ser humano que é.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por estes dois anos de convivência e aprofundamento da Teologia.

Aos professores que participam da banca examinadora, por terem dedicado tempo à leitura e apreciação deste trabalho.

Devo muito também às observações de amigos e ao Grupo de Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia (LERTE), pela troca de experiências.

Gratidão às Irmãs Paulinas, em especial às Irmãs da Comunidade Teresa Merlo, pela confiança.

“A verdade literária, a verdade que a literatura comporta, não é do mesmo gênero que a verdade histórica, mas sim da ‘verdade da história’, pois trata-se da compreensão do sentido da vida, do ser humano no mundo [...], e isso pode ser feito através de uma narração, de uma história, de uma parábola”
(MANZATTO, *Teologia e literatura*, p. 23).

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Goretti de. *A narrativa de Deus: a força da teologia narrativa*.

Esta pesquisa pretende demonstrar a força da narrativa na teologia e como a mensagem de salvação do cristianismo é transmitida por meio desse gênero literário.

O estudo é feito a partir do método de análise narrativa que leva em consideração as estratégias narrativas, a fim de se chegar à teologia do autor. Portanto, são identificadas as categorias literárias com a finalidade de apresentar como a narrativa bíblica se constitui como teologia com o propósito de expressar a experiência de fé das comunidades.

Para isso, verifica-se como o narrador construiu a narração e analisam-se as estratégias usadas com o intuito de provocar a construção de sentido durante a leitura. A criação do enredo, o narrador, os personagens, o tempo, o espaço e o foco narrativo são componentes literários usados para representar a teologia do autor e a sua confissão de fé.

A análise demonstra quais conteúdos teológicos emergem da narrativa de Atos 9,1-19a, defendendo a hipótese de que o uso desse gênero literário tem fundamental importância na teologia.

A natureza desta pesquisa é de caráter teórico e bibliográfico. O itinerário será percorrido com o auxílio de leituras, reflexões e análises apoiadas na bibliografia levantada sobre o tema. Foram reunidas obras que tratam do gênero literário narração e da análise narrativa, além de comentários bíblicos da perícopes selecionada.

Palavras-chave: Análise narrativa; Literatura; Teologia; Paulo Apóstolo; Atos dos Apóstolos; Gêneros literários; Métodos.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Maria Goretti de. The God's narrative: the strength of Theology narrative.

This research aims to demonstrate the strength of narrative language in Theology and how Christianity salvation's message is transmitted through this literary genre.

The study was conducted from the method of narrative analysis which considers the narrative strategies in order to reach the author's Theology. Therefore, the literary categories are identified with the purpose of presenting how the biblical narrative becomes Theology with the intention to express the communities' faith experience.

For that purpose it is identifies how the narrator constructs the narrative and are analyzes the strategies used with the intention the provoking the construction of meaning while reading. The creation of the plot, the narrator, the characters, the time, the space and the narrative focus are literary components used to represent the theology of the author and his confession of faith.

This analysis will demonstrate which theological contents comes up from the narrative at Acts 9:1-19a. The hypothesis defended that the practice of literary genre has a fundamental importance in Theology.

The nature of this research is theoretical and bibliographical. Its itinerary was developed by readings, reflections and analysis. All of this was supported by a selected bibliography about the subject. It gathered publications about the narrative literary genre, and the narrative analysis. In addition, in this study, were chosen biblical commentaries about the text.

Keywords: Narrative analysis; Literature; Theology; Paul Apostle; Acts of the Apostles; Literary Genres; Methods.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 A NARRATIVA COMO GÊNERO LITERÁRIO	15
<i>Introdução.....</i>	15
1.1. Gênero literário narração.....	15
1.1.1. Narrador.....	18
1.1.2. Enredo.....	21
1.1.3. Personagens	25
1.1.4. Ponto de vista ou foco narrativo.....	28
1.1.5. Funções do tempo	30
1.1.6. Funções do espaço.....	34
<i>Conclusão.....</i>	37
CAPÍTULO 2 OS MÉTODOS DE ANÁLISE LITERÁRIA DA BÍBLIA.....	39
<i>Introdução.....</i>	39
2.1. Métodos de análise da Bíblia.....	39
2.1.1. O método histórico-crítico	42
2.1.2. Método semiótico ou estruturalista	44
2.1.3. O método de análise retórica e a pragmalinguística.....	45
2.2. O método de análise narrativa.....	47
2.2.1. Tópicos de análise narrativa	52
2.2.2. A importância e a função da análise narrativa	57
<i>Conclusão.....</i>	60
CAPÍTULO 3 UM EXEMPLO BÍBLICO DE TEOLOGIA NARRATIVA: AT 9,1-19A	62
<i>Introdução.....</i>	62
3.1. A perícopa em seu contexto amplo: o livro dos Atos dos Apóstolos	63
3.1.1. Quem era Saulo/Paulo.....	64
3.1.2. Narrativa de At 9,1-19a	66
3.1.3. Delimitação	67
3.2. Análise literária	68
3.2.1. Narrador.....	70
3.2.2. Enredo.....	71
3.2.3. Ponto de vista ou foco narrativo.....	71
3.2.4. Tempo	72
3.2.5. Espaço	73
3.2.6. Personagens	74
3.2.7. Estratégias literárias.....	75
3.3. Análise teológica.....	80
3.3.1. O Cristo crucificado/ressuscitado como fundamento da fé.....	82
3.3.2. O que mudou em Paulo após o evento de Damasco	84
3.3.3. Teologia do autor	86
<i>Conclusão.....</i>	88
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
<i>Referências principais</i>	94
<i>Artigos.....</i>	96
<i>Referências secundárias</i>	97

INTRODUÇÃO

A literatura ensina a surpreender-se com aquilo que o texto revela e a buscar o que ele esconde, a despertar os sentidos, a ampliar o universo de cada um; deixa, a quem dela se aproxima, perplexo tentando encontrar uma chave de leitura e ajuda-o a ser mais compreensivo com as diferenças, a expandir o repertório cultural, a desenvolver uma sensibilidade visual e estética. A teologia, por sua vez, indica um caminho de seguimento e de conhecimento de Cristo e do seu mistério. É um caminho de Salvação. Dessa forma, sem poder escolher entre uma e outra, decide-se por refletir sobre o diálogo que existe entre essas duas áreas.

Com esse desejo, ao considerar a presença das narrativas na história de todos os povos, em todos os tempos e em todos os lugares, como meio de transmissão de saberes e experiências, e tendo presente que as narrativas são uma linguagem escolhida para falar de Deus, despertou-se o interesse pela pesquisa em teologia narrativa.

Com a ajuda de alguns teóricos, especialmente Daniel Marguerat, André Wénin e Robert Alter no que concerne à teologia narrativa, com este trabalho busca-se demonstrar a importância da linguagem narrativa para falar de um Deus que se revela sempre a partir de dentro da história.

A partir dessas motivações e reflexões, procura-se compreender e interpretar as narrativas, aprofundando esse gênero literário, sua aplicação e regras. Como as narrações bíblicas buscam transmitir uma teologia, sendo, portanto, uma mediação para falar de Deus, será considerado o texto em sua totalidade; desse modo, leva-se em conta tanto a intenção teológica dos autores bíblicos na construção da narrativa quanto o lugar do leitor dentro do texto enquanto produtor de significado e alguém que está sendo, aos poucos, “construído” pelo próprio texto.

Com esse intuito, foi escolhido o texto bíblico de *Saulo, o escolhido por Cristo*, Atos 9,1-19a para, de forma ilustrativa, demonstrar a teologia contida no texto narrativo. O trabalho, pois, se servirá da exegese moderna, mas não será uma exegese. Tal esclarecimento previne o risco de esperar deste trabalho algo que lhe fuge aos objetivos.

A construção de uma narrativa está ancorada no modo como o narrador conta a história, ou seja, na estratégia utilizada ao construir o seu relato, tendo em vista o efeito que ele quer produzir em seus leitores com o desenvolvimento da trama.

Portanto, procura-se identificar a estratégia narrativa utilizada na construção da narração, quais os recursos literários usados para dizer a própria fé, para descrever a experiência de Deus e para motivar a fé da comunidade. Considera-se também o papel do leitor, partindo do pressuposto de que este não absorve passivamente o que lhe é transmitido, mas, pelo contrário, mergulha em si próprio, num processo de autodescoberta.

Com essa intenção, a narrativa selecionada dará suporte à pesquisa. Através dela, será demonstrado o uso da linguagem narrativa na teologia, a qual atravessa espaço e tempo e fala às pessoas de hoje em contextos e realidades diversas da época em que o texto foi redigido.

A fim de atingir o objetivo desta pesquisa, propõe-se as seguintes metas:

- Mostrar o uso da linguagem narrativa na teologia através das estratégias literárias utilizadas: a construção de um enredo e dos personagens; a função do narrador; o ponto de vista ou foco narrativo e o modo de distribuição do tempo e do espaço.
- Analisar a estratégia narrativa utilizada e mostrar de que modo, através dela, o autor evidencia sua intenção teológica.
- Contribuir para a reflexão teológica acerca da teologia narrativa e sua importância para a compreensão do crente e sua maneira de ser no mundo (práxis).

As narrações são um modo de transmitir a experiência de Deus feita por pessoas de fé. É na história de cada um que Deus se manifesta, que a sua presença é revelada por meio de acontecimentos, pessoas e situações diversas. Em vista disso, algumas perguntas poderão nortear o estudo:

- De que modo a teologia narrativa contribui para a compreensão do texto bíblico?
- Quais as estratégias literárias comumente utilizadas pelo autor bíblico?
- Como é construída a teologia na narrativa de Atos 9,1-19a?

Portanto, o objetivo é demonstrar, à luz de tais perguntas, o uso da linguagem narrativa para falar de Deus, através das estratégias literárias utilizadas na construção da narrativa bíblica escolhida e a partir do que o próprio texto revela, defendendo a hipótese de que o uso desse gênero textual tem fundamental importância na teologia.

Com esta pesquisa também pretende-se demonstrar que a narrativa bíblica se constitui como teologia com o propósito de expressar a experiência de fé das comunidades e dos discípulos de Jesus. Busca-se perceber, portanto, a partir da construção da narrativa e das articulações da linguagem, o modo como é expressa a revelação de Deus dentro da história e da vida de cada pessoa e como se dá sua maneira de ser no mundo.

Em vista disso, examinam-se as tramas narrativas do texto buscando observar:

- Como o narrador constrói o conteúdo da narrativa.
- Como ele consegue dar ao texto uma tensão, criar expectativa no leitor.
- Quais conteúdos teológicos emergem do texto.
- Qual a teologia da narrativa.

A escolha dos recursos da narrativa faz compreender que Jesus está presente na história. Não se encontra, portanto, um Jesus acabado, concluído, finalizado. Por esse motivo, é necessário ressaltar a contribuição do leitor, o qual dará sentido e significado à narrativa a partir de suas vivências.

A natureza desta pesquisa é de caráter teórico e bibliográfico. O itinerário será percorrido com o auxílio de leituras, reflexões e análises apoiadas na bibliografia levantada sobre o tema. Foram reunidas obras que tratam do gênero literário “narração” e da análise narrativa, além de comentários bíblicos da perícope selecionada.

Para aprofundar o gênero literário “narração”, conta-se com o apoio de alguns estudiosos dessa área, como Massaud Moisés, Samira Nahid de

Mesquita, Cândida Vilares Gancho, Carlos Reis, Ana Cristina M. Lopes e outros. Para a teologia narrativa e para o estudo da narrativa bíblica selecionada, serão apresentados alguns conceitos, estudos e reflexões a partir das obras de Daniel Marguerat, André Wénin, Robert Alter, Luciano Zappella e outros.

No que diz respeito à análise das narrativas bíblicas, foram definidas algumas categorias que auxiliarão na leitura crítica e comparativa das abordagens, considerando os critérios já mencionados para a seleção do texto.

Sendo assim, a pesquisa se desenvolverá em três grandes partes ou capítulos.

No primeiro capítulo expõe-se a teoria do gênero literário narração. Para isso serão abordados em grandes linhas os recursos literários utilizados em uma narração: narrador, enredo, personagens, ponto de vista ou foco narrativo, e funções do tempo e espaço para, ao ter como referência os componentes constitutivos da narrativa, proceder à análise pretendida.

No segundo capítulo, apresentam-se os mais recentes métodos de pesquisa da Bíblia a fim de mostrar a sua importância e função, dando particular ênfase ao método de análise narrativa o qual trará importantes ferramentas para a compreensão da teologia narrativa.

Por fim, no terceiro capítulo retomam-se os elementos principais apontados pelos autores estudados e se faz uma demonstração de teologia narrativa no texto de Atos 9,1-19a, a fim de mostrar o uso da linguagem narrativa na teologia.

CAPÍTULO 1

A NARRATIVA COMO GÊNERO LITERÁRIO

Introdução

É próprio do ser humano narrar o que lhe acontece: suas vivências, experiências, descobertas, encontros e desencontros. Portanto, a narrativa é um meio de expressão do ser humano que relata acontecimentos que se ligam entre si, formando uma tessitura que entrelaça a história.

Tem-se consciência de que o ato de narrar, além de configurar a expressão de vivências, permite que se expresse e se reconheça o sentido da história de cada um. A pessoa que de algum modo não puder narrar o seu passado não poderá tocar o chão da sua história, da sua vida e não conhecerá nem a si mesma nem ao sentido da sua existência.

Ao ter presente a importância do ato narrativo, busca-se neste capítulo mostrar os componentes necessários para que uma narrativa seja considerada como tal. A estrutura da narrativa de ficção é composta pelo narrador, enunciador do discurso; pelos personagens, que dão vida aos eventos narrados; pelo enredo, acontecimentos e ações que compõem a narrativa; pelo tempo em que a ação decorre; pelo espaço, lugar onde se ambientam os fatos; e pelo foco narrativo, perspectiva escolhida pelo autor para narrar a história.

A sucessão de ações no tempo e no espaço, a elaboração do enredo, os diferentes tipos de narradores estruturam e dão sentido à narrativa, pois ela apresenta uma história fictícia como se fosse real, construída por personagens, cujas vidas se encontram num tempo e num espaço determinados.

São apresentadas as categorias narrativas dando ênfase ao que é particular em cada uma, a fim de mostrar a sua relevância para os estudos teológicos/literários, tendo as teorias da narrativa ficcional como princípio.

1.1. Gênero literário narração

Antes de adentrar no gênero literário narração, deseja-se elucidar o significado do termo “análise”, uma vez que o objetivo desta pesquisa é demonstrar, por meio da análise teológico-literária da perícopes de Atos 9,1-19a, que o uso desse gênero textual tem fundamental importância para a teologia,

uma vez que as narrativas bíblicas são constituídas por concepções religiosas e teológicas.

No que diz respeito ao significado do termo “análise”, Massaud Moisés afirma que “a análise é o desmembramento de um texto coeso, completo, portanto uma síntese, que se apresentava como tal antes de principiar a análise”, estruturada por meio de relações que se organizam em unidades menores e maiores.¹

Conforme o autor citado, “o campo da análise literária é o texto e apenas o texto, porquanto os demais aspectos literários e extraliterários (a biografia dos escritores, o contexto cultural etc.) escapam à análise e pertencem ao setor dos estudos literários”.²

Porém, nesse sentido, Massaud Moisés afirma que o que está fora do texto poderá ser considerado caso possa explicar elementos que não estão claros. Mas enfatiza que “se deve voltar sempre ao texto, pois o texto é o ponto de partida e o ponto de chegada da análise literária”.³

A partir do que propõe o autor, na análise literária, considera-se primordialmente o que o texto diz, pois é nele que se deve deter a atenção. No entanto, reconhece-se que nem tudo é evidente no texto, e nem sempre o leitor se atém à intenção do autor, uma vez que ele não é passivo diante do texto, mas produtor de sentido, pois lê com as suas próprias referências. Tendo presente esses pontos, pretende-se ampliar a reflexão, portanto, além de levar em conta o texto e a intenção do autor, aquilo que ele pretendeu comunicar ao desenvolver a narrativa, leva-se em conta o papel do ouvinte-leitor, a recepção e interpretação do texto que ele tem diante de si.

O ouvinte-leitor é alguém ativo na narrativa e com capacidade de criar significados a partir das suas referências internas e externas. Massaud Moisés ressalta que “a análise não deve ser da palavra pela palavra, mas da palavra como intermediário entre o leitor e um conteúdo de ideias, sentimentos e emoções que nela se coagula”.⁴

¹ MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 18ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 14.

² Ibid., p. 29-30.

³ Ibid., p. 30.

⁴ Ibid., p. 32.

Segue-se nesse ponto apresentado por Moisés que enfatiza também a necessidade dos recursos narrativos: diálogo, descrição, narração e dissertação. No diálogo entra a fala dos personagens por meio de discursos diretos e indiretos, ou de monólogos e solilóquios; na descrição a enumeração detalhada dos elementos que compõem a narrativa; na narração os acontecimentos e as ações; e na dissertação a apresentação de ideias e conceitos. Os recursos narrativos podem se misturar, a dissertação pode integrar-se no diálogo e a descrição pode passar à narração.⁵

A partir da aceção do termo acima referido e da explicitação dos campos de referência da pesquisa, será explicitado o que se entende por narração, buscando identificar o que determina o caráter de um texto narrativo, qual a função do narrador e os seus diferentes tipos. Para tal, recorre-se ao contributo de teóricos da área, dedicando, nesta parte, especial destaque a Reis e Lopes e Gancho.

Há várias definições sobre o gênero literário narração, pois desde os tempos mais remotos pesquisadores e teóricos o entenderam de muitos modos. Sem ignorar essa multiplicidade de sentidos, busca-se uma definição no pensamento de alguns teóricos. Reis e Lopes afirmam que

a *narração* pode ser entendida como processo de enunciação narrativa, como resultado dessa enunciação, como escrita da narrativa, como procedimento oposto à descrição mesmo como modo literário, em relação distintiva com o modo dramático e o modo lírico.⁶

Já Mesquita define a narrativa levando em conta os seus atributos internos, ou seja, a construção da narrativa:

De um modo geral, pode-se dizer que a narrativa é o ato verbal de apresentar uma situação inicial que, passando por várias transformações, chega a uma situação final. Essas transformações são ocasionadas por acontecimentos, fatos, vivências, episódios, ou, como frequentemente ocorre na narrativa contemporânea, por diferentes estados psicológicos de uma personagem.⁷

⁵ MOISÉS, A *análise literária*, p. 143-144.

⁶ REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. p. 60.

⁷ MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1986. p. 21.

Conforme o que foi apresentado, pode-se perceber que a narrativa é uma história com começo, meio e fim, seguida de fatos que envolvem a ação, o movimento e a passagem do tempo. Além disso, ela pode ser entendida de diversos modos, porém precisa necessariamente de um narrador, sujeito responsável pelo discurso narrativo.

Conscientes da ambiguidade associada ao conceito e dada a dificuldade em sistematizar a relação entre narrador e autor, Reis e Lopes buscam esclarecer as diferenças existentes entre eles, tão facilmente confundidos no âmbito da narração.

1.1.1. Narrador

O narrador é parte fundamental da narração, porém ele só existe no texto. Embora autor e narrador trabalhem irremediavelmente juntos, o autor é aquele que constrói a narração, é uma pessoa real, enquanto o narrador é personagem, criação do autor. Com isso fica claro que narrador não é sinônimo de autor.

Ao contar a história, o narrador pode fazê-lo como protagonista, personagem principal da narração, pode assumir o papel de personagem secundário ou de alguém que vê os fatos de fora, mantendo certa distância. Ele pode interagir por meio de comentários, expondo o seu pensamento, fazendo análises e julgamentos, ou considerações a respeito dos personagens.

Ao fazer a distinção entre autor e narrador, Reis e Lopes afirmam que,

se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário de ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa.⁸

Nota-se nas palavras dos autores que, enquanto o autor é um ser real, o narrador faz parte do mundo de ficção criado pela narrativa literária. Autor é a pessoa concreta, que vive no mundo real e escreveu a narração e o narrador é alguém criado pelo autor com a função de contar a história. De todo modo, é o narrador que torna possível o relato, pois sem ele não há relato.

Quanto às funções do narrador, elas não se esgotam somente no ato da enunciação em si, pois, para Reis e Lopes, sendo o narrador o protagonista da narração, é ele o portador de “uma voz observável no nível do enunciado por

⁸ REIS; LOPES, *Dicionário de teoria narrativa*, p. 60.

meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas”.⁹

Na construção da narrativa, o autor estabelece os tipos de narrador de acordo com o seu projeto. O narrador assume opções bem definidas que dependem da situação narrativa, podendo ser autodiegético, homodiegético ou heterodiegético.¹⁰

- O *narrador autodiegético* relata as suas experiências como personagem central da história, o que leva a “consequências semânticas e pragmáticas decorrentes do modo como o *narrador autodiegético* estrutura a *perspectiva narrativa*, organiza o *tempo*, manipula diversos tipos de *distância* etc.”.¹¹ Reis e Lopes destacam que a escolha entre uma focalização interna ou onisciente pode estar relacionada com a imagem do personagem que o narrador quer privilegiar. Para isso, o narrador “reconstitui artificialmente o tempo da experiência, os ritmos em que ela decorreu e as atitudes cognitivas que a regeram, ao mesmo tempo em que abdica da prematura revelação de eventos posteriores a esse tempo da experiência em decurso”.¹²
- O *narrador heterodiegético* relata uma história que não conhece, uma vez que não participa, como personagem, da narrativa. Esse narrador exprime-se na terceira pessoa, mas pode enunciar uma primeira pessoa.¹³ Ele mantém distância, mas pode interagir ao comentar ou dirigir-se ao leitor.
- O *narrador homodiegético* é aquele que está na história, mas não é o personagem principal do enredo e, pelo fato de ter vivido a história como personagem, transmite informações da sua própria experiência e retira dela conhecimentos para construir o seu relato. Ele se diferencia do narrador heterodiegético, uma vez que este não dispõe de um

⁹ REIS; LOPES, *Dicionário de teoria narrativa*, p. 62-63.

¹⁰ Diegese – Gr. *diegesis*, relato, exposição. A palavra que está na origem de diegese significa narração. Cf. MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*, 12. ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 126.

¹¹ REIS; LOPES, op. cit., p. 118.

¹² Ibid., p. 119.

¹³ Ibid., p. 121-122.

conhecimento direto, e se distingue do narrador autodiegético por não ter participado da história como protagonista, mas como testemunha ou personagem secundário.¹⁴

A contribuição de Gancho¹⁵ na caracterização dos tipos de narrador nos permite olhar para este último tendo como base outras vertentes, as quais estão estreitamente ligadas à arquitetura da narrativa segundo o que o autor tenciona transmitir ao leitor. O narrador pode ser identificado de acordo com a pessoa do discurso, a primeira ou a terceira pessoa do singular. Além disso, considera-se sua participação na história narrada. Conforme Gancho,

terceira pessoa: é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto o seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de *narrador observador*, e suas características principais são: *onisciência*: o narrador sabe tudo sobre a história; *onipresença*: o narrador está presente em todos os lugares da história.¹⁶

Mas, segundo Gancho, este narrador pode apresentar algumas variantes: aparecer como intruso, ao se reportar ao leitor ou emitir parecer a respeito do modo de agir dos personagens. Pode também ser parcial por ter afinidade com algum personagem, permitindo que ele tenha mais espaço ou destaque na história.¹⁷

Com relação ao narrador em primeira pessoa, Gancho afirma:

Primeira pessoa ou narrador-personagem: é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitado, isto é, não é onipresente nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes do narrador-personagem.¹⁸

Segundo essa autora, ao considerar as variantes, o narrador-testemunha pode narrar suas experiências ou contar acontecimentos nos quais teve parte e aparecer também como narrador-protagonista, personagem principal do enredo.¹⁹

¹⁴ REIS; LOPES, *Dicionário de teoria narrativa*, p. 124.

¹⁵ GANCHO, Vilares Cândida. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002. p. 27.

¹⁶ Ibid., p. 27.

¹⁷ Ibid., p. 28.

¹⁸ Ibid., p. 28.

¹⁹ Ibid., p. 28-29.

Aqui também podem ser citados o autor real e o ouvinte-leitor real. O autor real é apresentado como aquele que construiu o texto e o leitor real é o destinatário do texto. Tanto o primeiro quanto o segundo, por estarem fora do texto não estão ao alcance do ouvinte-leitor atual. Em todo caso, a análise narrativa demanda maior atenção à maneira como a comunicação se dá entre o texto e o ouvinte-leitor e é partir daí que ela trabalha.²⁰

Na narratologia, “o autor implícito corresponde à projeção do autor real [...]”. A personalidade do autor implícito pode diferenciar-se da personalidade do autor real”.²¹ Já o ouvinte-leitor implícito é um ser fictício idealizado pelo autor. Alguém que, hipoteticamente, irá ler o texto. Essas categorias e suas funções na narrativa podem ser identificadas no processo de análise do texto.

Após a apresentação do que constitui uma narrativa e os diferentes tipos de narrador, serão apresentadas as demais categorias que compõem uma narrativa literária, todas elas significativas e importantes no âmbito do texto.

1.1.2. Enredo

No processo de construção da narrativa, há componentes que dão sustentabilidade ao fazer narrativo, o enredo é um deles. Considerado como elemento essencial, ele pode ser entendido por meio dos acontecimentos que compõem a história e pode ser chamado também de história, ação, trama, intriga, *plot*, fábula.

O enredo obedece às leis da causalidade e temporalidade. Cada fato da história tem uma causa que traz como consequência novos fatos. A sua estrutura e a sua natureza ficcional são aspectos a ser considerados.²²

O que dá unidade ao enredo é a lógica interna, o liame entre os acontecimentos. O enredo pode surgir da imaginação do autor, das observações do seu cotidiano, das suas lembranças em relação a fatos que viveu ou presenciou, das suas leituras, das pessoas que conheceu ou com quem conviveu, do seu contexto social, cultural, de histórias que ouviu, de pesquisas ou estudos que fez. É infinito o leque de possibilidades para construir um enredo.

²⁰ DIAS, Elizangela Chaves. A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20. Rio de Janeiro, 2016. Tese doutorado. Departamento de Teologia, PUC/Rio. p. 143.

²¹ Ibid., p. 144.

²² GANCHO, *Como analisar narrativas*, p. 10.

Para Gancho, a verossimilhança é ponto relevante ao pensar no enredo. Esse conceito pode ser definido em relação à lógica interna da história, que faz com que o leitor considere a verdade da história, não no sentido de real, mas como possibilidade de veracidade dentro do relato.

Além da verossimilhança, Gancho considera o *conflito* elemento estruturador do enredo, definindo-o da seguinte maneira:

Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambientes, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor.²³

Sem o conflito não há história, pois é ele que dá a ela vida e movimento, possibilitando ao leitor criar expectativa diante dos fatos do enredo. É por meio dele que a ação é organizada e chega ao seu final. O conflito comumente ocorre entre o personagem principal e algo ou alguém que se opõe a ele. Mas pode acontecer que a luta, o combate, seja com ele mesmo.

Marguerat e Bourquin apresentam o modelo canônico, chamado de *quinário*, pois contém cinco etapas: Situação inicial (ou Exposição); Nó; Ação transformadora; Desenlace; Situação final.²⁴

Situação inicial é a apresentação das informações necessárias a respeito do que a narrativa vai modificar. São informações sobre o cenário e principais personagens. É a porta de entrada da narrativa a qual irá estabelecer o contato entre o narrador e o ouvinte-leitor.

O *Nó* marca o desenrolar da ação. É o momento em que aparece a tensão dramática. Os conflitos podem ser de diversos âmbitos: religiosos, econômicos, sociais, psicológicos. O nó é um elemento muito importante, pois é sobre ele que o enredo se desenvolve gerando uma tensão interna aos fatos. Essa tensão surge no início da narrativa, se mantém durante o seu desenrolar e é solucionada no desfecho.

A *ação transformadora* tem como meta a resolução do problema, ela pode se dar em um ato pontual ou acontecer paulatinamente durante o processo do relato.

²³ GANCHO, *Como analisar narrativas*, p. 11.

²⁴ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 58-60.

O *desenlace* consiste na resolução da dificuldade, ou seja, do nó da narrativa. Nele, os efeitos da ação transformadora são descritos mostrando como a situação foi restabelecida. A tensão dramática desaparece e o suspense chega ao fim. A resolução pode ser prolongada quando na narrativa há mais de um clímax, ou mantém um elemento em suspense até a conclusão.

A *situação final* marca um novo período, no qual a dificuldade foi eliminada. Há o retorno à situação normal. Os conflitos foram resolvidos, as tensões desapareceram e uma mensagem é deixada ao leitor.²⁵

A estrutura aqui apresentada deve ser um roteiro, não um fator determinante para a análise da narrativa, pois o mais importante é estar atento às articulações e à dinâmica da narração. Deve-se buscar o efeito no ouvinte-leitor.

O elemento estruturador dos fatos corresponde à tensão narrativa criada pela trama. A dimensão comunicativa é mais importante do que a composicional: “de fato, a tensão existe somente dentro da relação texto-ouvinte-leitor, é um efeito do texto sobre seu receptor”²⁶.

Uma narrativa começa por meio de uma situação inicial, com a apresentação dos personagens e suas características, possibilitando ao leitor-ouvinte conhecer o contexto do personagem, a sociedade do seu tempo e sua cultura. Quando surge uma situação que desequilibra a estabilidade, dá-se início a uma série de transformações até que se chegue ao desfecho. Durante esse percurso cheio de acontecimentos, a ação é construída.

Para Mesquita, o enredo “é essencialmente uma construção literária”.²⁷ Ela assim o descreve:

O *enredo* é a própria estruturação da narrativa de ficção em prosa. Ele será não o somatório, mas o produto das relações de interdependência entre a sucessão e a transformação de situações e fatos narrados e a maneira como são dispostos para o ouvinte ou o leitor pelo discurso que narra. É muitas vezes impossível separar os elementos constitutivos e interdependentes de um enredo.²⁸

²⁵ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 58-59; DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 155-158.

²⁶ MARGUERAT; WÉNIN, *Sapori del racconto biblico*, p. 67; DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 158.

²⁷ MESQUITA, *O enredo*, p. 22.

²⁸ *Ibid.*, p. 21.

Para essa autora, o que constitui a obra literária não é o conjunto dos fatos narrados, mas a maneira como o autor trabalha o relato. A forma como ele narra é, por vezes, mais importante do que o fato narrado.

na narrativa esse tratamento aparece/se oculta no plano da *instância narrante*, voz do narrador, discurso, enunciação. Esse plano “administra” a narração, ordena os fatos, decide a perspectiva, o ponto de vista, o *foco narrativo* a partir do qual se focaliza a matéria narrada. É aí onde se articulam as categorias de tempo e espaço; impõe-se o ritmo, mais lento ou mais acelerado, da narrativa. O enredo é arquitetura do tempo e arquitetura do espaço, já que o tempo é espaço vivido.²⁹

Quanto ao ritmo, se a cronologia é seguida obedecendo a sequência dos fatos, ele será mais rápido. Caso contrário, se houver retrospectivas ou antecipações no tempo/espaço, ele se retardará. Quando a narrativa se atém mais aos acontecimentos externos, o tempo cronológico é privilegiado, mas, quando volta-se para as vivências internas dos que compõem o enredo, prevalece o tempo psicológico, e o ritmo da narrativa será afetado.³⁰

No entendimento de Massaud Moisés,

o ponto de partida poderia ser a ação, ou seja, a soma de gestos e atos que compõem o enredo. A ação pode ser externa ou interna [...]. A ação interna passa-se na consciência ou na subconsciência da personagem [...]. Decerto não existe ação externa pura nem ação interna pura, o que significa que ambas estabelecem uma relação de vãos comunicantes, em que uma pode prevalecer sobre a outra, sem jamais anulá-la. Por outro lado, numa mesma obra podem coexistir as duas formas de ação.³¹

Segundo o estudioso, para que o leitor mantenha interesse na narrativa é imprescindível que a ação contenha dois atributos: *verdade* e *necessidade*. A *verdade* ou verossimilhança não significa a reprodução da vida real, mas a construção de acontecimentos suscetíveis de ocorrer na vida real. A *necessidade* está relacionada com a verossimilhança e diz respeito ao “encadeamento das causas e efeitos num sistema determinado”, “a dependência de um meio a um fim, de uma condição a um condicionado”.³²

²⁹ MESQUITA, *O enredo*, p. 33-34.

³⁰ Ibid., p. 33-34.

³¹ MOISÉS, *A análise literária*, p. 118.

³² Ibid., p. 119-120.

O autor enfatiza também a intensidade e a densidade. Quanto à intensidade, “entende-se o volume, a quantidade, a ‘frequência’ da ação, ou melhor, dos ingredientes que compõem a ação”. Por densidade, “entende-se a altura ou/ e condensação de tais ingredientes. Também faz parte da intensidade a rapidez com que ocorrem as cenas, e da densidade, a sua lentidão”.³³

O enredo organiza e unifica os acontecimentos da narrativa, criando sentido. Sem ele a história se fragmentaria, perderia unidade e coesão entre as diversas partes do relato. No entanto, não existe enredo sem personagens, pois são eles que dão vida e sentido ao enredo. É sobre eles que se discorrerá agora.

1.1.3. Personagens³⁴

Os personagens têm seu papel fundamental na narrativa. Mas é preciso ter presente que, por mais que eles possam se assemelhar a pessoas na vida real, existem apenas no mundo da ficção. Para Moisés, os personagens são “os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos; se estes são pessoas reais, aqueles são ‘pessoas’ imaginárias”.³⁵

Moisés, utiliza a definição de Forster em relação aos tipos de personagens:

As personagens podem ser; 1) planas; 2) Redondas (1954; 67e ss.). As *primeiras*, “na sua forma mais pura, são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade; quando lhes descortinamos mais de um fator, iniciamos o percurso de uma curva rumo da personagem redonda”. Apresentam duas dimensões (altura, largura), ou seja, carecem de profundidade: podendo ser definidas em poucas palavras, a sua personalidade não reserva surpresa, e a ação que praticam apenas confirma a impressão de *personagens estáticas*, infensas a evolução.³⁶

Moisés faz notar que os personagens planos possuem um só defeito ou uma só qualidade, são caricaturas. Os redondos possuem múltiplas qualidades ou defeitos, envolvem os caracteres. Os planos podem ser encontrados nos contos, nas novelas e nos romances, enquanto os redondos estão nos romances

³³ MOISÉS, *A análise literária*, p. 123-124.

³⁴ Do francês *personnage* e do latim *persona*, inicialmente “máscara de teatro”. Optamos por utilizar o substantivo personagem no masculino. No entanto, foi respeitado o uso e escolha dos autores em citações literais. Por esse motivo, o substantivo pode ser encontrado tanto na sua forma feminina quanto na masculina.

³⁵ MOISÉS, *Dicionário de termos literários*, p. 358.

³⁶ *Ibid.*, p. 359.

psicológicos e introspectivos.³⁷ É o que se poderá ver com mais detalhes nas palavras do próprio autor:

As personagens redondas definem-se como as que apresentam várias qualidades ou tendências; proteicas, multiformes, complexas, repelem todo intuito de simplificação. Podem ser: *caracteres*, quando a complexidade se acentua, gerando conflitos insolúveis, como no teatro clássico francês, ou *símbolos*, quando a complexidade parece ultrapassar a fronteira que separa o humano do mítico, o natural do transcendental, como no caso de Capitu. Porque ostentam profundidade psicológica, são *tridimensionais*, e porque evoluem, *dinâmicas*.³⁸

Como foi visto, a identificação de um personagem plano pode ser caracterizada pela sua pouca complexidade, podendo ser reconhecida por características típicas (personagem tipo), ou por características fixas (caricatura). Já os personagens redondos possuem um grau de complexidade elevado, fazendo-se notarem por suas características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.³⁹

Ao dar origem aos personagens, o autor pode criá-los resultantes da combinação entre o personagem e a trama, típico dos personagens redondos e mais característicos dos romances de teor introspectivo, ou pela exposição do narrador, com a descrição de detalhes físicos e/ou psíquicos, típico dos personagens planos, os quais encontramos com mais frequência nas novelas e nos romances lineares.⁴⁰

Gancho faz referência aos personagens no enredo, atribuindo-lhes grande importância:

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é o responsável pelo desempenho do enredo, em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais.⁴¹

A pesquisadora adverte que “o personagem é um ser que pertence a história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo,

³⁷ MOISÉS, *A análise literária*, p. 139.

³⁸ MOISÉS, *Dicionário de termos literários*, p. 359.

³⁹ GANCHO, *Como analisar narrativas*, p. 16-18.

⁴⁰ MOISÉS, *Dicionário de termos literários*, p. 360.

⁴¹ GANCHO, *op.cit.*, p. 14.

isto é, se age ou fala”.⁴² Mesmo que seja mencionado na história, se não houver algum tipo de ação ou interação no enredo, não é considerado personagem. Quanto ao papel desempenhado no enredo, Gancho assim o classifica:

O protagonista, que é o personagem principal, o herói, que é o protagonista com características superiores às de seu grupo; o anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto. O antagonista, personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história e os personagens secundários menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo; podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou do antagonista, de confidentes, enfim, de figurantes.⁴³

Quanto à caracterização dos personagens, ela pode ser descrita por meio de suas ações, posturas, comentários do narrador e de diálogos construídos. Através dessas características, o ouvinte-leitor terá acesso ao campo de valores do personagem e perceberá sua função na narrativa.

Segundo Dias, as estratégias mais usadas para caracterizar um personagem são: descrição, fala, ações, nomeação e perspectiva. Nas narrativas bíblicas, tais estratégias são inseridas em duas modalidades: *telling* e *showing*.⁴⁴

Na modalidade *telling*,

pela voz do narrador, o ouvinte-leitor compõe a imagem, o retrato do personagem. Em alguns casos, o narrador apresenta um breve traço do personagem, descrevendo alguns de seus aspectos: humildade, beleza, estatura, idade, característica física, nome. Esses traços dos personagens, em geral, têm função proléptica na narrativa.⁴⁵

Para Dias, o nome dado à personagem pode indicar sua identidade e função. A mudança de nome significa mudar o rumo de sua própria sorte e história pessoal. O epíteto constitui também um meio de identificar o personagem, ao fazer referência à sua procedência, nacionalidade, região.

⁴² GANCHO, *Como analisar narrativas*, p. 14.

⁴³ Ibid., p. 14-16.

⁴⁴ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 153.

⁴⁵ Ibid., p. 153.

Atributos éticos ou morais também são usados na construção da imagem do personagem, como integridade, justiça, crenças etc. De acordo com o atributo usado, o leitor ficará na expectativa do que irá acontecer e de como o personagem reagirá diante da trama.

O recurso da onisciência fará com que o ouvinte-leitor conheça os “pensamentos, motivações, intenções, comportamento e sentimentos das personagens”.⁴⁶

Na modalidade *showing*,

os discursos diretos constituem um dos meios mais qualificados para expressar a dramaticidade da narrativa. O esforço é para retratar uma cena da vida, na qual o tempo da narrativa e o tempo da narração são correspondentes. O conteúdo ganha peso, pois sai da boca dos próprios personagens. Nesse sentido, o ouvinte-leitor torna-se testemunha de primeiro grau.⁴⁷

A partir da contribuição dada ao estudo dos personagens é incontestável a importância deles no âmbito da narração, uma vez que o enredo se constrói em seu entorno. O ponto de vista é outro elemento que merece destaque, é o que será visto agora.

1.1.4. Ponto de vista ou foco narrativo

O ponto de vista constitui um elemento de suma importância na narrativa. A partir dele pode-se responder às perguntas: Quem conta a história? Em que perspectiva? Qual a pessoa verbal que narra, a primeira ou a terceira? Qual a posição em que se coloca o escritor para contar a história? De que ponto de vista são apresentados os diferentes eventos e personagens?

Várias são as opções em relação ao ponto de vista. Ele pode transferir-se do narrador a um outro personagem, além disso é possível haver mais de um detentor do foco narrativo. O ponto de vista da narrativa está relacionado com os vários sentidos e significados que podem ser extraídos do relato.⁴⁸

Para Moisés, ao tratar do “ponto de vista” é necessário ter presente a distinção entre autor e narrador, pois enquanto o autor é um ser determinado,

⁴⁶ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 153-154.

⁴⁷ Ibid., p. 154.

⁴⁸ MESQUITA, *O enredo*, p. 38-39.

que escreve histórias fictícias, o narrador é o contador das histórias, ser ao qual o escritor transfere a incumbência de narrar. Este autor afirma também que “as reflexões sobre ponto de vista não apresentam um ponto pacífico. Elas não estão fechadas, pois são passíveis de novas interpretações e teorias cada vez mais pormenorizadas e rigorosas”.⁴⁹

Moisés utiliza o quadro sinótico estabelecido por Brooks e Warren, críticos norte-americanos. Segundo esses autores são quatro os focos narrativos:

- 1) O personagem principal narra a sua história;
- 2) Um personagem secundário narra a história do personagem central;
- 3) O narrador, analítico ou onisciente, conta a história;
- 4) O narrador conta a história como observador.⁵⁰

Será apresentada a definição de cada um:

No primeiro foco narrativo – em que a personagem principal conta a história – o narrador emprega a primeira pessoa (do singular ou do plural). Limita-se, assim, a área da fabulação, restringindo-a ao narrador, pois é de sua história que se trata: a personagem interessada na história – visto ser o protagonista central – nem sempre é a mais indicada para narrá-la, pois a interpretará de seu ângulo pessoal, o que implica uma visão parcial da realidade.⁵¹

Nesse sentido, o narrador pode cair no individualismo e comprometer a história, ao colocar-se em primeiro plano e julgar a si mesmo. Não será capaz de analisar os acontecimentos olhando “de fora”.⁵² Como se pode observar, o narrador personagem central não tem acesso à mente dos outros personagens. Ele está limitado às suas percepções íntimas e pessoais.

Quanto ao segundo foco narrativo,

que pode valer-se da primeira pessoa, despoja-se dela: como se trata dumas personagens secundárias que contam a história da principal, a distância entre o leitor e a narrativa aumenta, dado que os acontecimentos se passam com uma terceira personagem. O processo implica objetividade na fabulação, pois quem conta foi ou é testemunha dos acontecimentos [...]. É certo que a personagem secundária pode representar, mais do que as outras, um disfarce de autor, mas também é verdade que,

⁴⁹ MOISÉS, *Dicionário de termos literários*, p. 373-374.

⁵⁰ MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa* 1. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 66-67.

⁵¹ Ibid., p. 67.

⁵² Ibid., p. 68.

por secundária, seu testemunho não merece fé. Não seria atentar contra a verossimilhança torná-la partícipe – e, por conseguinte, interessada – direta na cena, como o ficcionista poderia erigi-la em narrador? Por apresentar mais dificuldades que vantagens, o segundo foco narrativo é pouco empregado.⁵³

No caso do narrador como personagem secundária, ele não sabe o que se passa na cabeça dos outros personagens, faz conjecturas, servindo-se também de informações que lhe chegaram ou do que pode presenciar.

No terceiro,

o narrador assume-se demiurgo: acompanha as personagens a todos os lugares, penetra-lhes na intimidade, como um agudíssimo olho secreto devassa-lhe o mundo psicológico, esquadrinha-lhes o labirinto do inconsciente, conhece-lhes, enfim, as mínimas palpitações. Todavia, as proporções físicas do conto e especialmente suas características intrínsecas impedem que a sondagem no interior dos protagonistas mergulhe além das primeiras camadas. Na verdade, como acentuam C. Brooks e R. P. Warren, a onisciência, além de relativa, se limita à personagem principal do conto.⁵⁴

O narrador, ao contar a história como observador, no quarto foco narrativo

vê-se compelido a contar apenas o que registrou. Por pouco, a restrição ótica assemelha-se à do segundo ponto de vista e só não se identifica com ele porque a faixa de observação é maior: o narrador, ou o autor, evita de intrometer-se na história, e desenvolve-a como observador que pode vislumbrar o máximo segundo a perspectiva em que se coloca, porém dentro dos limites de suas características pessoais. Diferindo em grau de tipo precedente, esse enfoque suspende ou diminui a penetração psicológica em favor da ação, de modo a tornar a narrativa mais linear, menos complexa.⁵⁵

As opções quanto ao ponto de vista configuram a perspectiva escolhida pelo autor ao narrar a história e o modo como ele irá conduzir as ações e os personagens.

1.1.5. Funções do tempo

O tempo é um dos aspectos a ser considerado com muita atenção na narrativa, pois ele assinala o percurso que vai do início ao fim da história. Há histórias que se passam em um curto período de tempo, enquanto outras têm

⁵³ MOISÉS, *A criação literária* – prosa 1, p. 69-70.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 70.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 71.

um enredo que se estende por muitos anos. Este é um recurso utilizado na narrativa com a intenção de envolver o leitor e direcionar sua atenção ao foco narrativo.

Estrategicamente, o autor implícito pode fazer uso desse recurso criando vazios, retardamentos, saltos, transitando entre o presente, passado e o futuro. Desse modo, suscitando memórias e expectativas, a fim de gerar suspense, curiosidade e surpresa.⁵⁶

Nada é casual, intencionalmente são feitas opções sobre o que incluir ou omitir, o que comunicar rapidamente e onde se delongar. A análise do tempo, para Dias, “é uma etapa indispensável para a hermenêutica da narrativa, pois a estrutura e o significado da narrativa são determinados pelo movimento temporal que conduz ao clímax”.⁵⁷

O tempo na ficção pode ser cronológico ou histórico, psicológico, metafísico ou mítico. O cronológico corresponde ao tempo regular contado em horas, dias, semanas, meses, anos. Por ele passam as estações com suas simbologias e mudanças naturais. Esse tempo transcorre na ordem natural dos fatos do enredo, orientando a vida dos que vivem sob a sua constante transformação. O leitor vê a história desenrolar-se dentro de uma cronologia histórica definida.

Ele pode interferir na narrativa de diversos modos, criando significados, antecipando situações, imbuindo esperança ou solucionando conflitos. Está ligado ao enredo linear e atende à lógica temporal de passado, presente, futuro.

O processo narrativo situado no tempo cronológico pode narrar os fatos no momento em que eles acontecem ou no passado. Pode também fazer uso do *flashback* e intercalar presente e passado. Este recurso tem função importante na caracterização dos personagens e na explicação de eventos do passado, os quais desencadearam os conflitos existentes na narrativa. Uma história pode começar pelo final e voltar ao ponto de partida dos acontecimentos que fizeram o herói chegar àquele ponto.

O tempo psicológico passa-se no interior dos personagens, é um tempo subjetivo que não se movimenta pelo ritmo do relógio. Ele não obedece à

⁵⁶ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 146.

⁵⁷ Ibid., p. 146.

cronologia e reflete as vivências subjetivas, pensamentos, emoções, sentimentos, memórias e sensações dos personagens. Pode ser lento ou veloz e se expande ou se retrai de acordo com o estado interior em que o personagem se encontra. Cada um o vivencia de forma diferente. Este tempo está também relacionado ao que passa na imaginação do narrador ou dos personagens. Ele se opõe ao tempo cronológico, pois ignora o tempo decorrido no relógio e expressa sensações que ocorreram há muito tempo. Está ligado ao enredo não linear. Através das memórias e imaginação ele pode transcorrer do passado ao futuro.

O tempo metafísico ou mítico é o tempo do sagrado, do cosmos, das origens, tempo que não passa, permanece no ser. Ele pode revelar-se por meio do tempo histórico ou do psicológico. Para Moisés, “é o tempo ontológico por excelência, anterior a história e a consciência, identificado com o cosmos ou a natureza. Tempo coletivo, transindividual, tempo da Humanidade quando era um só corpo fundido às coisas do mundo”.⁵⁸

Em se tratando da categoria “tempo”, Marguerat considera que as pausas têm “a função de inserir um elemento descritivo. Nesse momento, o tempo da história contada é nulo, ao passo que a narrativa continua”; as elipses temporais “deixam os acontecimentos passar em silêncio. A narrativa não diz nada, e nesse caso o leitor pode supor que algumas coisas que estão acontecendo não interessam ao narrador revelar”; no sumário, acontece a “aceleração da narração, quando a narrativa relata em poucas palavras um período relativamente longo da história contada”.⁵⁹

O uso do tempo na narrativa requer grande habilidade por parte do autor ao usar uma série de estratégias da narrativa a fim de comunicar ao leitor de forma precisa a passagem do tempo na história, ou para encurtá-la e acelerá-la de acordo com as necessidades. O tempo, na narrativa, diz respeito à velocidade com a qual ela se movimenta. Essa velocidade é determinada pelo uso de narrativas e descrições, pela natureza dos incidentes, pela ênfase maior ou menor posta neles.⁶⁰

⁵⁸ MOISÉS, *A criação literária*; prosa 1, p. 185.

⁵⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*, p. 110-111.

⁶⁰ COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 62-63.

Segundo Coutinho,

o tempo de uma narrativa pode ser acelerado ou retardado. No primeiro caso, o efeito é obtido habitualmente por predomínio de incidentes de ação, de exterioridades; os incidentes surgem ou se sucedem de maneira apertada. Para o retardamento, emprega-se pouca ação, muita análise psicológica de personagens, muita descrição minuciosa. A narrativa pode ainda fornecer uma impressão de normalidade de tempo, quando o artista equilibra a ação com a análise, a descrição com a narrativa, as paradas e a sequência cronológica.⁶¹

Essa categoria pode ser classificada como: tempo da narrativa e tempo da narração; ordem; duração; frequência. Tempo da narrativa é a extensão de tempo das ações e eventos narrados, ou seja, é o tempo narrado. Tempo da narração é o tempo necessário para narrar. Ele pode ser “acelerado (sumário) ou retardado (pausa descritiva, intrusões do narrador), de acordo com o impacto que se pretende causar no ouvinte-leitor”.⁶²

Quanto ao conceito de “ordem” na narrativa, o autor implícito pode usar desse recurso de acordo com a intencionalidade em relação ao ouvinte-leitor. “Desse modo, na ordem da narração, a voz do narrador pode dar saltos, seja para frente seja para trás. Esse procedimento se justifica por motivos de estratégia narrativa, pois permite aumentar ou diminuir a tensão dramática”.⁶³

O salto para trás é chamado de *analepse*, ele se remete a um acontecimento anterior em relação a história contada. A *prolepse* ocorre quando um fato é contado antecipadamente pelo narrador. Desse modo, o passado pode influenciar as ações dos personagens ou fazê-lo tomar determinadas posições. Enquanto o futuro pode ser um dado usado pelo narrador para explicar o motivo de agir do personagem.⁶⁴

Outros recursos podem ser usados como a duração para acelerar ou retardar o ritmo da leitura com o propósito de “direcionar a atenção do ouvinte-leitor para um elemento importante [...] da narração. Os recursos usados para

⁶¹ COUTINHO, *Notas de teoria literária*, p. 63.

⁶² DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 146-147.

⁶³ Ibid., p. 147.

⁶⁴ Ibid., p. 147.

causar ou medir a duração e a rapidez do tempo são: pausa, intrusão, cena, sumário e elipse”.⁶⁵

Conforme Dias,

A *pausa* é uma extrema desaceleração da narração e corresponde a uma intrusão da voz do narrador, a fim de descrever ou informar algo; é uma chave que o narrador fornece para o ouvinte-leitor apreciar a leitura. A *cena* é uma seção da narrativa em que o tempo da narração é igual ao tempo narrado, constatada especialmente em diálogos. O *sumário* acelera a narração, condensando vários eventos numa breve seção do discurso, numa espécie de síntese ou recapitulação. A *elipse* é o silêncio ou contorno de eventos da história, ou seja, a parte oculta da história.⁶⁶

Na “frequência” pode-se retratar “uma vez o que aconteceu uma única vez (narrativa singulativa); várias vezes o que aconteceu uma única vez (narrativa repetitiva); e uma única vez o que aconteceu várias vezes (narrativa iterativa)”.⁶⁷

O componente do tempo é fundamental na narrativa de ficção. Cabe ao narrador estudá-lo nos seus diversos aspectos e no uso das estratégias à sua disposição. Um outro elemento configurante da narrativa é o espaço, abordado a seguir.

1.1.6. Funções do espaço

O espaço é um aspecto relevante na narrativa literária, pois ele diz respeito não apenas aos lugares onde acontecem as ações dos personagens, mas também à relação com o significado que estabelece com os personagens. A observação do espaço pode ajudar na análise e interpretação de um texto. O tempo, o espaço e o personagem estão sempre relacionados na construção do texto literário, revelando as intenções do narrador, o sentido e os valores que ele intenta transmitir por meio da narrativa.

O cenário escolhido, seja o campo, a cidade, o subúrbio, o sertão, terá importância na narrativa, na medida em que a intensidade do lugar geográfico se impõe no conjunto da obra. Essa escolha está imbuída de significados que irão perpassar o relato, caracterizando os personagens que vivem e atuam naquele espaço, seus costumes, sua maneira de viver a vida, suas escolhas.

⁶⁵ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 148.

⁶⁶ Ibid., p. 148.

⁶⁷ Ibid., p. 148-149.

Para Moisés, a geografia do conto deve estar diretamente relacionada com o drama que lhe serve de motivo:

A paisagem vale como uma espécie de projeção das personagens ou o local ideal para o conflito, carece de valor em si, está condicionada ao drama em causa; não é pano de fundo, mas algo como personagem inerte, interiorizada e possuidora de força dramática, ao menos na medida em que participa da tensão psicológica entre as personagens.⁶⁸

Nesse sentido, pode-se perceber que a função do espaço tem a ver com a ação da narrativa, com a construção dos personagens e do que se pretende revelar ao leitor atento. O cenário exerce forte influência sobre as ações dos personagens, condiciona ou determina certos acontecimentos e exerce ação psicológica, transmitindo sentimentos, estados de espírito e influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções. O espaço pode também sofrer transformações provocadas pelos personagens. Em algumas narrativas, o espaço é descrito pormenorizadamente, em outras, encontra-se dissolvido na narração.

O tempo e o espaço são essenciais à definição da especificidade na perspectiva da história. É a invenção de um espaço que desencadeia o intenso efeito estético de uma narrativa. O espaço desempenha relevo capital para os efeitos de sentido gerados pela obra literária.

Sobre a importância do ambiente na narrativa de ficção, Coutinho nos assegura que “a influência do ambiente sobre a história é inegável. O personagem surge do meio, do qual adquire as motivações de sua existência. Muitas tramas decorrem de conflitos gerados por situações locais”.⁶⁹

Além disso, o estudioso especifica quais podem ser as características do ambiente:

O ambiente é o conjunto de elementos materiais ou espirituais que formam o local onde vivem os personagens e se desenvolve a ação. Esses elementos podem ser físicos: naturais (a terra, o oceano, as montanhas, os animais, a flora); criações humanas (fábricas, cidades, casas etc.). Ou fatores mentais (tradições, costumes, crenças, hábitos de pensamento, convenções, instituições).⁷⁰

⁶⁸ MOISÉS, *A análise literária*, p. 137.

⁶⁹ COUTINHO, *Notas de teoria literária*, p. 60.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 61.

Na construção da narrativa o autor faz opções tendo em vista o efeito que ele quer produzir no ouvinte-leitor, é o que se chama de estratégias narrativas ou literárias. Elas podem ser observadas na disposição das cenas, na escolha das palavras e imagens, no ritmo lento ou acelerado, no posicionamento dos personagens, no ambiente em que fatos se dão, no foco narrativo, tipo de narrador, repetições, suspense entre outros.⁷¹

Dias, ao falar de estratégias narrativas, faz menção à “moldura narrativa”, e para isso nos remete ao que afirma Marguerat, “numa narrativa, a moldura é constituída pelo conjunto de dados que compõem a conjuntura da história contada. Seu valor pode ser factual ou de teor metafórico”.⁷²

Ela afirma também que

o exame da composição da moldura requer atenção, principalmente quando há repetições com algum tipo de alteração, pois na alteração pode estar velada a intencionalidade narrativa referente aos personagens, ao enredo, à mudança de situação ou à passagem de estado: da vida para morte, da entrada para a saída, da esterilidade para a fertilidade.⁷³

Dias complementa lembrando que através da mediação do narrador, o ouvinte-leitor tem acesso ao mundo do texto. Nesse sentido, o narrador pode proporcionar ao ouvinte-leitor três pontos de vista:

a) superior à dos personagens: o ouvinte-leitor recebe mais informações que os personagens; b) igual à dos personagens: o ouvinte-leitor sabe tanto quanto os personagens; c) inferior à dos personagens: informações são omitidas ao ouvinte-leitor; ele sabe menos que os personagens.⁷⁴

Por meio da técnica de repetição, pode haver mudanças importantes dentro do enredo. As repetições podem ser “de diálogos, de frases, de palavras particulares, de descrições, de sons, de imagens”.⁷⁵ Através delas se pode determinar o contexto e a intenção da narrativa. Sendo uma técnica usada com múltiplas finalidades, cabe ao ouvinte-leitor buscar os seus significados.

⁷¹ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 159.

⁷² MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 97-106.

⁷³ DIAS, op. cit., p. 160.

⁷⁴ Ibid., p. 161.

⁷⁵ Ibid., p. 162.

O ouvinte-leitor é estimulado pelo suspense, curiosidade e surpresa. Elementos importantes dentro da narrativa, uma vez que causam expectativas quanto aos resultados dos acontecimentos e indicam situações inesperadas. A força da trama está na sua capacidade de criar expectativas que podem ser supridas ou não, “criar intriga” e causar curiosidade.⁷⁶

Nas narrativas bíblicas, “a presença da tensão, da resolução, do drama e do suspense pode ser considerada critério fundamental para definir uma narrativa”.⁷⁷ O que gera a tensão, é o fato de o texto não dizer tudo deixando, por este motivo, o ouvinte-leitor em suspense. O suspense desperta interesse pela leitura fazendo com que o ouvinte-leitor mantenha interesse pelo desfecho da narrativa.

Conclusão

Este capítulo iniciou apresentando a gênese do conceito de narrativa e as suas categorias particulares, com o intuito de fundamentar, por meio da teoria literária, a análise teológico-literária do texto bíblico selecionado. Tendo presente que, na análise pretendida, a atenção deve voltar-se não só ao que é narrado, mas à forma como essa narração é desenvolvida, é preponderante situar o texto tendo por base o que o define como narrativa.

As categorias principais (narrador, enredo, personagens, foco narrativo, tempo e espaço) constroem a narrativa por meio do sentido das palavras e dos gestos dos personagens, os quais se sucedem em um tempo e são inseridos em um espaço escolhido estrategicamente para contar um fato, um acontecimento e, no caso das narrativas bíblicas, falar do mistério de Deus que se revela na história de cada um.

A partir das categorias apresentadas, é possível observar como o texto constrói seus valores e seus significados, examinando suas ambiguidades e polissemia. Portanto, o texto deve ser considerado em sua complexidade, na construção composta pelos numerosos elementos interligados dentro do conjunto da trama.

⁷⁶ DIAS, A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20, p. 163-164.

⁷⁷ Ibid., p. 165-166.

As ações dos personagens são focalizadas pela característica e pela função da narrativa. Os elementos principais são destacados a partir do lugar, do tempo, do foco narrativo e do enredo.

Todo esse esforço tem como objetivo identificar de que forma a narrativa bíblica selecionada (Atos 9,1-19a) apresenta leituras teológicas, ou seja, como a mensagem de salvação do cristianismo é transmitida no texto. Para tanto, pergunta-se sobre a importância da narrativa para a revelação de Deus na história de cada um e qual a força da linguagem narrativa para a constante tarefa de reelaborar a fé e manter-se fiel ao testemunho das primeiras comunidades cristãs.

As técnicas de literatura de ficção têm a finalidade de demonstrar como elas são utilizadas na elaboração de uma teologia narrativa. A perícopes comporá um cenário importante para essa observação.

O leitor cria junto com o autor o sentido do texto, uma vez que a unidade do texto não se encontra na origem, mas em sua destinação.⁷⁸ Portanto, a narrativa levará o leitor a criar sua própria história a partir da história contada.

Tudo o que foi exposto permite uma percepção mais clara da importância da análise narrativa na teologia. Como toda ciência faz uso de um método investigativo, a fim de fundamentar o que deseja provar, no segundo capítulo será apresentado o método de análise narrativa, o qual dará uma orientação segura e guiará a análise pretendida no terceiro capítulo desta pesquisa.

⁷⁸ REIS; LOPES, *Dicionário de teoria narrativa*, p. 66.

CAPÍTULO 2

OS MÉTODOS DE ANÁLISE LITERÁRIA DA BÍBLIA

Introdução

Lançados os fundamentos teóricos e os pressupostos básicos da teoria da literatura no que concerne ao gênero literário narração, será feito agora um estudo particular. Nas páginas que se seguem, propõe-se desenvolver uma breve apresentação dos métodos mais importantes de análise da Bíblia, dando, porém, especial ênfase ao método de análise narrativa, a partir do qual se trabalhará no terceiro capítulo.

Ao considerar que o agir de Deus se dá sempre na história e, por esta razão, ele é possível de ser contado, busca-se com o uso do método de análise narrativa conhecer as experiências de Deus feitas por pessoas que reconheceram a sua ação e experienciaram a sua salvação.

Enquanto crentes, a nossa história é uma história salvífica; e pode ser narrada. A forma que se escolhe para narrá-la, os recursos que serão usados, isso é literatura. Sendo assim, mesmo utilizando os recursos da narrativa ficcional, o que é relatado não deixa de ser verdade, pois tem como fundamento a presença de Deus na história e na vida de cada crente.

Se a intenção é testemunhar a fidelidade de Deus, pode-se falar das adversidades pelas quais se atravessa e mostrar nelas a mão de Deus, a sua presença e ação. Contudo, não é preciso, para isso, relatar exatamente o que aconteceu, mas podem ser utilizados os recursos da narrativa de ficção e narrar essas adversidades de vários modos. O importante é buscar compreender o sentido, o que de fato a mensagem deseja transmitir.

Dentro dessa perspectiva, considera-se importante apresentar, de forma sucinta, o que dizem os principais documentos da Igreja sobre os métodos de análise literária da Bíblia; além de fazer referência ao pensamento de alguns estudiosos da área.

2.1. Métodos de análise da Bíblia

Ao partir da premissa de que a revelação de Deus se dá plenamente no Filho encarnado, faz-se necessário interpretar o significado das ações, gestos e

palavras de Jesus Cristo. Nesse sentido, a constituição dogmática *Dei Verbum* assegura que a revelação não se reduz à transmissão de verdades, mas se dá através das maravilhas que Deus realizou pelo seu povo, por meio dos gestos, palavras e ações de Jesus Cristo, o revelador do Pai:

Esta “economia” da revelação faz-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério neles contido. Porém, a verdade profunda contida nesta revelação, tanto a respeito de Deus quanto a respeito da salvação dos homens, manifesta-se a nós na pessoa de Jesus Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda revelação.¹

A revelação não se realiza de forma autoritária e dominadora, mas de forma dialogal e comunicacional, através da relação que Deus estabelece com o ser humano. É Deus mesmo quem toma a iniciativa de ir ao encontro do ser humano e estabelecer com ele um diálogo:

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante a qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Espírito Santo no Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm1,17), no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão.²

A *Dei Verbum* ao afirmar que “Deus na Sagrada Escritura falou por meio de homens e à maneira humana”, sugere a quem busca interpretar o que Deus quis comunicar ter atenção ao uso dos gêneros literários, a fim de descobrir a intenção dos escritores: “Importa que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo em determinadas circunstâncias, segundo as condições de seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de fato exprimiu por meio dos gêneros literários então usados”.³

Por sua vez, a Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, ao mencionar os métodos de análise da Bíblia, afirma que “é preciso reconhecer os

¹ DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a revelação divina. 19 ed. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 2.

² Ibid., n. 2.

³ Ibid., n. 12.

benefícios que a exegese histórico-crítica e os outros métodos de análise do texto, desenvolvidos em tempos mais recentes, trouxeram para a vida da Igreja”.⁴

Esta exortação enfatiza ainda a historicidade da salvação, pois “o fato histórico é uma dimensão constitutiva da fé cristã. A história da salvação não é uma mitologia, mas uma verdadeira história”.⁵

Por meio do conhecimento desses métodos de pesquisa, pode-se perceber que, “na palavra bíblica, Deus caminha rumo a nós e nós rumo a ele; é preciso aprender a penetrar no segredo da língua, compreendê-la na sua estrutura e no seu modo de se exprimir”.⁶

A *Verbum Domini* ressalta ainda que a comunicação de Deus acontece numa história concreta, assume os seus códigos culturais e também transmite-se em culturas diferentes.⁷

Para Dôndici,

O percurso da *Dei Verbum* à *Verbum Domini* sublinhou, por um lado, a importância, a legitimidade e a necessidade do uso dos métodos Históricos Críticos, mas, por outro lado, procurou deixar claro que o essencial para exegese é o caráter teológico da Escritura. A compreensão e a interpretação de um texto são válidas na medida em que elas repousam sobre a compreensão teológica de toda a bíblia, isto é, da sua unidade, enquanto Palavra de Deus que acontece na história, no meio de um povo, para toda a humanidade. Em outras palavras, a compreensão da parte acontece a partir da compreensão do todo, segundo a dinâmica própria da pedagogia presente na Divina Revelação.⁸

Duas encíclicas – *Providentissimus Deus*, do papa Leão XIII, e *Divino Afflante Spiritu*, do papa Pio XII – apresentaram a posição a ser tomada em relação aos novos métodos de análise histórica. A preocupação do papa Leão XIII era “proteger a interpretação católica da Bíblia dos ataques do racionalismo, sem, contudo, se refugiar num sentido espiritual separado da história”. Já o papa

⁴ VERBUM DOMINI. Sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 32.

⁵ Ibid., n. 32.

⁶ Ibid., n. 32.

⁷ Ibid., n. 114.

⁸ DÔNDICI, Geraldo (org.) *Fecundados pela Palavra: comentários à exortação apostólica Verbum Domini*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Paulus, 2014. p. 54.

Pio XII “encontrava-se perante os ataques dos adeptos de uma exegese chamada mística, que recusava qualquer abordagem científica”.⁹

Conforme a *Verbum Domini*,

a Encíclica *Divino Afflante Spiritu* evitou que se desenvolvesse a ideia de uma dicotomia entre a “exegese científica” para o uso apologético e a “interpretação espiritual reservada ao uso interno”, afirmando, pelo contrário, quer o “alcance teológico do sentido literal metodicamente definido”, quer a pertença da “determinação do sentido espiritual [...] ao campo da ciência exegética”. De tal modo, ambos os documentos recusam “a ruptura entre o humano e o divino, entre a pesquisa científica e a visão da fé, entre o sentido literal e o sentido espiritual”.¹⁰

Nesse sentido, a *Divino afflante Spiritu* aceita a metodologia científica e considera “a crítica textual, dos gêneros literários e da história e literatura antigas na interpretação bíblica”,¹¹ e possibilita aos pesquisadores da área maior autonomia na utilização das ciências linguísticas e na análise de como os autores bíblicos se exprimiam. Com isso, a exegese católica pode contar com métodos científicos no estudo e na compreensão dos livros bíblicos e sentiu-se motivada a pesquisar o sentido da mensagem que o autor bíblico quis transmitir.¹²

O documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, ao referir-se à tarefa dos exegetas católicos, esclarece que ela não se conclui na distinção das fontes, definição das formas ou explicação dos processos literários, mas o seu escopo está no esclarecimento do “significado do texto bíblico como palavra atual de Deus”.¹³

A partir do que dizem os documentos da Igreja sobre os métodos, serão apresentados os mais recentes considerando a contribuição de cada um para o estudo, interpretação e atualização dos textos bíblicos.

2.1.1. O método histórico-crítico

O método histórico-crítico é um dos mais conhecidos quanto à interpretação da Bíblia. O documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, ao se referir a ele, afirma que é denominado *histórico* não só pelo fato de analisar

⁹ VERBUM DOMINI, Sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, n. 33.

¹⁰ Ibid., n. 33.

¹¹ Ibid., n. 60.

¹² DÔNDICI, *Fecundados pela Palavra*: comentários à exortação apostólica Verbum Domini, p. 24.

¹³ VERBUM DOMINI, op. cit., n. 33.

textos situados em tempos remotos e estudá-los historicamente, mas também por explicar os processos históricos de elaboração desses textos, os quais foram destinados a pessoas que se encontravam em contextos diferentes. É considerado *crítico* por trabalhar com critérios que provêm da ciência em todas as suas fases. É *analítico* porque estuda o texto bíblico do mesmo modo que se estudam outros textos antigos, comentando-o enquanto linguagem humana, além de possibilitar ao exegeta captar melhor o conteúdo da revelação divina.¹⁴

Este documento admite os limites presentes no método histórico-crítico, uma vez que ele se preocupa com o sentido do texto bíblico no contexto histórico de sua elaboração, sem considerar os sentidos manifestos nos períodos que se seguiram à revelação bíblica. Mas reconhece também a contribuição desse método para a exegese e a teologia bíblica, pois a partir dele foram produzidas obras importantes nessas áreas. E conclui que “nenhum método científico para o estudo da Bíblia está à altura de corresponder à riqueza total dos textos bíblicos”.¹⁵

O pesquisador Yofre, assinala que o termo *histórico* diz respeito à constituição dos textos bíblicos em tempos passados, que se desenvolveram num processo histórico e que, por este motivo, “a relação com aquele tempo tem provavelmente algo a dizer sobre o sentido de tais textos, embora possam ter ainda vida e sentido atuais”. Já a palavra *crítico* permite estabelecer distinções e assim poder considerar os vários aspectos do texto: “O processo de constituição do texto, a identidade do autor, o tempo da composição, a relação com outros textos contemporâneos e a referência do conteúdo do texto à realidade extratextual”.¹⁶ Para esse mesmo autor, de um ponto de vista histórico, esse método interpreta o texto a partir do que se supõe ser a sua intenção de origem. E, a partir de um viés crítico, esforça-se por compreender o texto de diversos modos, observando tanto a sua compreensão original quanto as interpretações que o texto foi recebendo ao longo do tempo.¹⁷

Outra pesquisadora estudada, Lima, observa que, no método histórico-crítico, estão presentes os métodos diacrônicos, os quais se preocupam com o

¹⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 41.

¹⁵ Ibid., p. 44-46.

¹⁶ YOFRE et.al., *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 74.

¹⁷ Ibid., p. 74.

desenvolvimento dos textos e com o seu significado na época em que foram escritos. As várias etapas desse método objetivam esclarecer o texto no momento de sua produção e possivelmente nas demais fases.¹⁸

Nota-se que a crítica textual precisa levar em conta muitos elementos quando busca analisar o texto bíblico, pois ele tem um percurso histórico próprio, tornando difícil achar o caminho entre a crítica textual e a literária. Para a autora, a crítica textual é uma etapa anterior que pretende “estabelecer o texto que seja mais próximo do original, optando entre as variantes encontradas nos manuscritos, julgadas segundo critérios precisos”.¹⁹

2.1.2. Método semiótico ou estruturalista

O método semiótico ou estruturalista é um método sincrônico, pois se concentra sobre o estudo do texto bíblico tal como ele se apresenta ao leitor em seu estado final. Esse método foi criado pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure,²⁰ o qual no início do século XX elaborou a teoria que afirma que “toda língua é um sistema de relações que obedece a regras determinadas”.²¹

Para o documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, este método pode ser utilizado para o estudo da Bíblia por meio de uma aproximação aberta à história, considerando os autores bíblicos e seus leitores, sem cair no risco de apresentar um estudo formal do conteúdo, sem dar a conhecer a sua mensagem.²²

Outro fator relevante para o uso desse método, segundo este documento, é não deixar que ele se perca em meio a uma linguagem complexa, a fim de que os leitores que se interessam por estudar o texto bíblico possam alcançar o seu sentido sem que seja necessário o acesso aos dados históricos e culturais relacionados à sua produção.²³

¹⁸ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 53-54.

¹⁹ Ibid., p. 75-76.

²⁰ As aulas de Saussure foram compiladas e publicadas por seus alunos, a partir das anotações deles, fazendo surgir o *Cours de linguistique générale* (1916), redigida por Charles Bally e A. Sechehaye. Basicamente Saussure fala no “signo linguístico” como sendo o produto de uma relação entre “significante” e “significado”. Vale dizer que “significante” e “significado” existem em função um do outro (GONÇALVES, Magaly Trindade; BELLODI, Zina C. *Teoria da literatura “revisitada”*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 131).

²¹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 54.

²² Ibid., p. 57.

²³ Ibid

Lima refere-se à análise semiótica ou estruturalista fazendo menção à grande valorização que é dada às “estruturas linguísticas (modelos, esquemas) que estão por baixo de um texto”. O texto é concebido como um sistema de relações que criam determinado efeito. Ela lembra que, em relação à escritura, este método está relacionado sobretudo às narrativas e aos elementos discursivos dos textos narrativos. Os textos são analisados considerando-se os níveis da narração, do discurso e da semântica, em relação ao desenrolar “das ações e dos papéis” e em relação “à caracterização dos diversos elementos do texto (atores, tempos, lugares) e ao valor que cada um apresenta; em relação à lógica e significado subjacentes à organização do texto”. A partir desta análise, pretende-se explorar o sentido do texto.²⁴

Yofre explica que neste método a linguagem leva em conta a sua característica ontológica, ou seja, ela existe por si mesma e não como meio de chegar à história. Desse modo, os métodos estruturalistas não se interrogam sobre quem foi o autor do texto nem se atentam à sua intenção, ainda que não a neguem a consideram inatingível. A sua busca consiste em “descobrir as estruturas linguísticas, narrativas ou míticas independentemente do fato de serem ou não desejadas pelo autor”.²⁵

2.1.3. O método de análise retórica e a pragmalinguística

Conforme o documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, a análise retórica não é um método novo. Sua novidade está em usá-la de forma sistemática para a interpretação da Bíblia. Como a retórica compõe discursos persuasivos, característica encontrada em todos os textos bíblicos, esse conhecimento faz parte do instrumento de trabalho dos exegetas.²⁶

Ao considerar que no discurso estão presentes três elementos: “O orador (ou o autor), o discurso (ou o texto) e o auditório (ou os destinatários)”, a retórica faz a distinção de três fatores de persuasão que qualificam um discurso: “A autoridade do orador, a argumentação do discurso e as emoções que ele suscita no auditório”.²⁷

²⁴ LIMA, *Exegese bíblica: teoria e prática*, p. 67.

²⁵ YOFRE et.al., *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 110-111.

²⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 47.

²⁷ *Ibid.*, p. 47.

Para o documento “a ‘nova retórica’ quer ser algo mais que um inventário de figuras de estilo, de artifícios oratórios e de espécies de discurso. Ela busca o porquê tal uso específico da linguagem é eficaz e chega a comunicar uma convicção”. Ela não se limita à análise formal, mas dá à situação de debate a atenção que ela merece, analisa “o estilo e a composição enquanto meios de exercer uma ação sobre o auditório. Com esta finalidade ela aproveita as contribuições recentes de disciplinas como a linguística, a semiótica, a antropologia e a sociologia”.²⁸

De acordo com o que afirma este documento, a “nova retórica” acerta ao atentar-se ao caráter persuasivo e convincente da linguagem, pois, segundo a Comissão, “a Bíblia não é simplesmente enunciação de verdades. É uma mensagem dotada de uma função de comunicação em um certo contexto, uma mensagem que comporta um dinamismo de argumentação e uma estratégia retórica”.²⁹

Na concepção de Lima, a análise retórica dá importância à forma do texto e, levando em conta que o gênero literário influencia esta forma, mantém a atenção ao viés linguístico e estilístico. Para tanto emprega abordagens clássicas e estuda os componentes usados para convencer por meio da linguagem.³⁰

Em se tratando da pragmalinguística, a autora afirma que este método constrói o texto como “elemento de comunicação, como mediador entre emitente (autor) e destinatário (leitor), preocupando-se particularmente com o efeito que visa produzir”.³¹ Ela orienta a examinar quais foram os recursos usados na transmissão da mensagem e as estratégias do texto para influenciar o leitor.

O leitor, segundo este método, deve observar o modo como o texto se desenvolve quanto ao tema e examinar quais foram as estratégias de persuasão nele utilizadas. Na análise, identificam-se as influências que o narrador pretende exercer sobre os leitores, ao fazê-los assumir comportamentos, tomar determinadas atitudes, utilizando recursos para orientá-los sobre o que deve ou não ser feito.³²

²⁸ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 48-49.

²⁹ Ibid., p. 49.

³⁰ LIMA, *Exegese bíblica: teoria e prática*, p. 66.

³¹ Ibid., p. 68.

³² Ibid., p. 69.

Conforme o pesquisador Egger, quem fala ou escreve pretende influenciar a pessoa a quem está se dirigindo, buscando a confirmação de suas ideias ou a mudança de opinião. Quer, com isso, motivá-la a tomar posições ou assumir comportamentos. Espera-se do ouvinte uma reação ao texto. Tanto as expressões linguísticas quanto as textuais são tentativas de influenciar o ouvinte/leitor e constituem o objeto da pragmática, que se interessa pela função dinâmica dos textos, ou seja, pela orientação e pelas diretivas dadas por ele ao leitor.³³

Egger considera o “falar/escrever” como um agir, pelo fato de que ele pode levar a mudanças. Para este caráter de ação da palavra é usada a expressão “ato linguístico” e para as expressões escritas poder-se-ia falar de “ato escriturístico”.³⁴ O autor explica que

a teoria pragmática do texto considera a extensão de um texto como um “agir mediante o escrever”, porquanto o texto pretende ou é capaz de incidir de modo eficaz sobre a relação entre autor e leitor e sobre o contexto situacional.³⁵

É possível observar que, para a análise pragmática das expressões linguísticas e também dos textos, considera não só o conteúdo, mas também a finalidade. Ela se distingue entre “conteúdo da mensagem (proposição), finalidade (função) e efeito de um texto”.³⁶

Após essa breve passagem pelos métodos mais conhecidos de análises de textos bíblicos, nos deteremos no método de análise narrativa, escolhido para a análise da perícopes de At 9,1-19a no terceiro capítulo.

2.2. O método de análise narrativa

Para o estudo do método de análise narrativa, tem-se o apoio de diversos pesquisadores, entre eles Daniel Marguerat, exegeta suíço que discute as possibilidades de interpretação de textos bíblicos, e outros estudiosos importantes para o estudo interpretativo das narrativas bíblicas que serão citados ao longo da explanação. Serão mencionados também os documentos da Igreja que abordam o tema.

³³ EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 130.

³⁴ Ibid., p. 132.

³⁵ Ibid., p. 132.

³⁶ Ibid., p. 132-133.

A Pontifícia Comissão Bíblica, no documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, considera a exegese narrativa um método utilizado para a compreensão e comunicação da mensagem bíblica “que corresponde à forma de relato e de testemunho, modalidade fundamental da comunicação entre pessoas humanas, característica também da Santa Escritura”.³⁷ A análise narrativa, segundo este documento está

particularmente atenta aos elementos do texto que dizem respeito ao enredo, às características e ao ponto de vista tomado pelo narrador, a análise narrativa estuda o jeito pelo qual a história é contada de maneira a envolver o leitor no “mundo do relato” e seu sistema de valores.³⁸

Para os exegetas bíblicos, este método é importante porque há um grande número de textos bíblicos de natureza narrativa, e ele facilita a passagem entre o sentido do texto em seu contexto e o seu alcance para o leitor de hoje.³⁹

Em comparação ao método histórico-crítico, que não apenas observa o que está sendo narrado mas também se indaga quanto à comunidade para a qual os fatos foram narrados, considerando o texto como uma “janela”, a análise narrativa entende o seu funcionamento como um “espelho”, “no sentido de que ele estabelece certa imagem do mundo – o mundo do relato –, que exerce sua influência sobre a maneira de ver do leitor e o leva a adotar certos valores em vez de outros”.⁴⁰

Este método interpreta o texto buscando compreender o seu sentido. Por ser um método sincrônico, interessa-se pelo texto final e pelos recursos literários usados pelo narrador, com a finalidade de influenciar os leitores. Ele oferece recursos para perceber o significado do texto e suas conexões literárias.⁴¹

Com este método se verifica a maneira como o narrador construiu a narração. A história é contada com o intuito de guiar o leitor na compreensão do que está sendo narrado e provocar nele uma resposta. O narrador escolhe “os pontos da tradição evangélica” que mais lhe interessam, seleciona os fatos e os apresenta, tornando-os compreensível ao leitor. Ele faz uso do discurso direto,

³⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 50.

³⁸ Ibid., p. 51.

³⁹ Ibid., p. 53.

⁴⁰ Ibid., p. 52.

⁴¹ VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 13.

fazendo com que os personagens exponham, em primeira pessoa, suas percepções.⁴²

A análise narrativa se constitui sobre o autor, o texto e o leitor. Cabe a ela perceber o ritmo usado pelo narrador durante o percurso da narração, os recursos literários empregados e tudo o que possa contribuir ao acesso à mensagem que está sendo transmitida. Ela não se interessa pelo autor real, que não pode ser conhecido, mas pelo texto, pois nele está o sentido. O leitor real tem diante de si o narrador, não o autor real. O interesse está no leitor implícito, pois a este a história é contada pelo narrador.⁴³

O documento *A interpretação da Bíblia na Igreja* busca explicar as distinções feitas por vários métodos entre “autor real” (quem compôs o relato), “autor implícito” (imagem do autor produzida pelo texto durante a leitura), “leitor real” (aquele tem acesso ao texto) e “leitor implícito” (pressuposto pelo texto, é aquele que consegue entrar no mundo do relato e responder a ele de acordo com a finalidade proposta pelo autor real através do autor implícito).⁴⁴

As comunidades cristãs primitivas escolheram a narrativa para falar de Deus e expressar a própria fé e os caminhos da relação com Deus, tornando-a assim uma teonarrativa, como afirma Zapella

Enquanto teonarrativa, a narrativa bíblica combina o componente narrativo e a densidade teológica, uma teologia da história e uma teologia por meio da história. Isso acontece graças aos três elementos por meio dos quais a narrativa bíblica se torna teonarração: o enredo (a construção da narração), os agentes (os personagens e suas ações), o leitor (a interpretação).⁴⁵

As narrações bíblicas foram construídas dentro da comunidade com a finalidade de responder às questões de fé, resolver crises e problemas que surgiam em seu seio. Por meio da narração, os cristãos eram instruídos nos mistérios da fé, os ensinamentos eram transmitidos e a mensagem evangélica comunicada.⁴⁶

⁴² VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 33-34.

⁴³ Ibid., p. 34-38.

⁴⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 51.

⁴⁵ ZAPPELLA, L., *Manuale di analisi narrativa biblica*. Torino: Claudiana, 2014, p. 178. In: VITÓRIO, op. cit., p. 42.

⁴⁶ VITÓRIO, op. cit., p. 46-47.

As narrativas apresentam, portanto, questões teológicas e demonstram o esforço para instruir e apresentar pastoralmente a sua teologia. A comunidade, enquanto leitora implícita, participa do ato de construir a narração. O leitor atual atento tem a possibilidade de adentrar nos caminhos da narração e alcançar a riqueza da sua mensagem, tornando-a viva.

O narrador não está preocupado em oferecer informações históricas, geográficas, culturais ou sociológicas. Não gastará tempo em apresentar o passado dos personagens, mas o seu texto pretende comunicar uma mensagem. Por esse motivo, muitas questões não são respondidas aos leitores, pois o narrador omite o que não tem peso na transmissão da mensagem.⁴⁷

No parecer de Yofre, a análise narrativa busca compreender qual é o percurso que o texto apresenta ao leitor: “As perguntas que lhe são postas, os elementos de resposta que aí se podem encontrar, as impressões, as ideias, os valores e os juízos que se lhe oferecem e a síntese que só ele pode operar”.⁴⁸

Os elementos principais são o narrador e a trama, o primeiro com a função de dar voz aos personagens ou comentar os acontecimentos, e o segundo com o propósito de dar coesão aos elementos da narração. A unidade é construída a partir de uma sequência temporal e lógica, estabelecendo uma coesão e coerência textuais que irão corresponder à junção entre causa e efeito.⁴⁹

A análise narrativa estuda o desenvolvimento de uma narração e os meios utilizados para comunicar conhecimentos e crenças. A narração é construída com o propósito de envolver o leitor, por isso os escritores bíblicos deixam espaços abertos para que ele os complete e possa encontrar o sentido da mensagem. Para isso é preciso analisar os indícios que o texto apresenta e perceber a sua estratégia e intenção narrativa.⁵⁰

A narratologia desenvolveu-se de diferentes maneiras e utilizou metodologias variadas, apoiando-se em modos antigos da arte de narrar e em estudos contemporâneos. Para Lima, “o texto é um todo coerente que tem, em sua forma atual, um sentido, o qual deve ser elucidado pelo leitor”.⁵¹ Ela ressalta também o importante cuidado que deve ter o leitor na compreensão do

⁴⁷ Ibid., p. 47-50.

⁴⁸ YOFRE et.al., *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 129.

⁴⁹ Ibid., p. 130.

⁵⁰ LIMA, *Exegese bíblica: teoria e prática*, p. 66.

⁵¹ Ibid., p. 66-67.

significado do texto, a fim de não cair em opiniões muito subjetivas e arbitrárias. Além disso, a autora atenta para a importância do respeito às regras linguísticas e estilísticas existentes no texto.

Segue-se agora com Wénin o qual considera que a originalidade da análise narrativa está no seu método de leitura. Pois este método não coloca sua ênfase nos acontecimentos históricos, nem nas tradições que elaboraram estes textos, nem em sua construção, mas a atenção se volta para o texto final, o que implica uma atenta observação ao texto a fim de descobrir suas conexões.⁵²

As irregularidades que aparecem no relato, segundo ele, revelam que o sentido não é dado previamente, mas é construído durante a leitura. As interrogações, incoerências são sinais dados ao leitor para que ele se comprometa ativamente com o texto. Cabe, portanto, ao leitor a tarefa de responder às questões que surgem na narrativa, a fim de dar a conhecer sua unidade e coerência. Ele não deve se deixar levar apenas por sua subjetividade, mas buscar nas perguntas do narrador elementos de resposta e usá-los como “chaves de leitura”.⁵³

Ao falar sobre as noções do método, ele afirma:

Colocando à vista o quadro onde se desenrola o relato, se faz destacar as articulações internas capazes de guiar a interpretação. A partir dos indícios que aparecem na “superfície” do texto – inclusões, palavras-chave e palavras-gancho, rupturas na sintaxe, paralelismo e outras simetrias – se pode descobrir a organização literária. Tampouco se podem esquecer as possíveis conexões no plano narrativo – relações entre os atores, técnica do relato, diálogos, para pôr em paralelismo as cenas que podem se iluminar mutuamente.⁵⁴

Para a análise dos personagens se observam as transformações que eles sofrem ou que provocam, o conteúdo dos discursos e diálogos, as opiniões expressas, os termos usados para a sua descrição e as comparações com outros personagens. É útil fazer uma distinção entre os pontos de vista do narrador e dos personagens, para entender a função das repetições. Se ocorrer uma interrupção de lógica da trama, é preciso verificar se o narrador não está se referindo a um outro episódio no mesmo relato ou em outro, a não ser que a

⁵² WÉNIN, André. *Samuel, juez y profeta*. Lectura narrativa. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1996. p. 4.

⁵³ Ibid., p. 6.

⁵⁴ Ibid., p. 6-7.

incoerência não tenha significado na relação entre o narrador e o leitor. Esse método se apoia no texto, buscando nele o seu sentido.⁵⁵

Para Wénin é preciso atentar-nos ao modo como o narrador, por meio de sinais sutis, chama o leitor a fazer uma leitura que dê vida ao texto. “A atenção se dirige, portanto, à construção e ao ritmo do relato, à sua tensão e à sua intriga, à composição das cenas e dos diálogos”.⁵⁶ É preciso também se ater às sutilezas: a escolha dos termos, o uso das imagens, a menção a outras narrativas, pois

ler um relato não está isento de riscos. Ao evocar situações humanas típicas, o narrador remete o leitor a sua própria existência. Ao contar as decisões dos personagens, convida implicitamente o leitor a perguntar sobre suas próprias opções e sobre os valores que elas põem em jogo. Ao arrastá-lo ao mundo do seu relato, convida-o a tomar uma perspectiva e a colocar em questão o seu “mundo”.⁵⁷

Dentro da perspectiva de análise narrativa, nota-se que o relato é acompanhado de sinais temporais oferecidos pelo narrador. Eles são usados para situar as cenas ou indicar o passar do tempo. Os personagens também se remetem ao passado ou ao futuro.⁵⁸

O autor faz uma distinção entre *tempo que se narra* e *tempo narrado*. O primeiro diz respeito ao “tempo necessário para narrar uma história a um público”, e o segundo é o tempo dos “acontecimentos vividos pelos personagens e contados no relato”. O tempo que se narra é contado por “números de palavras, de frases, de páginas etc.”; e o tempo narrado é contado, “em unidades de tempos: minutos, horas, dias, anos etc.”. Por meio do uso do tempo é possível variar o ritmo e utilizar efeitos especiais. Ralejar o ritmo é uma forma usada para criar suspense, por exemplo.⁵⁹

2.2.1. Tópicos de análise narrativa

Conforme Marguerat e Bourquin, é “o enredo que faz a narrativa”, a estrutura da história é o enredo. É ele que unifica as diversas partes da narrativa,

⁵⁵ WÉNIN, André. *Samuel, juez y profeta*; lectura narrativa, p. 7.

⁵⁶ WÉNIN, André. *El libro de Rut*. Aproximación narrativa. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2000.p. 6.

⁵⁷ Ibid., p. 6.

⁵⁸ Ibid., p. 9.

⁵⁹ Ibid., p. 11.

tornando-a uma história contínua, garantindo sua unidade e dando sentido aos diversos elementos. O enredo possibilita ao leitor perceber, por meio das ações narradas, os fatos ligados um ao outro pela ordenação do tempo.⁶⁰

O enredo além de organizar os componentes narrativos no espaço-tempo, garante a coerência da trama, tornando-a de fácil assimilação ao leitor. Para que os fatos na narrativa mantenham uma ligação, o narrador seleciona o que interessa ao enredo, desconsiderando o que não traz unidade ao seu projeto. Assim é possível seguir o percurso da narrativa, de outro modo o leitor perderia o interesse pela leitura e não se envolveria no processo de construção da trama.⁶¹

Para manter o interesse do leitor, “o narrador insere os fatos, ações, diálogos, informações, conflitos, sempre mantendo uma *tensão narrativa*”.⁶² São essas estratégias e a conexão dos fatos que farão com que o leitor acompanhe o desenrolar da história até o fim.

Em relação aos cinco momentos que compõem uma narrativa, Vitório explica que a situação inicial ou exposição ambienta a narração: tempo, lugar, circunstâncias, personagens, problemas e temas. Tudo o que decorre depois está relacionado com o início; o nó ou complicação configura a ação; os personagens, as circunstâncias e os problemas são interrelacionados, trazendo tensão à trama; na ação transformadora ou clímax, surgem acontecimentos que fazem com que as questões sejam resolvidas e os mistérios conhecidos; o desenlace ou desfecho se dá logo após a ação transformadora.⁶³

Ele assinala algumas exigências para a construção de um bom enredo:

⁶⁰ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*, p. 55-56.

⁶¹ BAR-EFRAT, S., *Narrative Art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p. 93. In: VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 54.

⁶² VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 61.

⁶³ *Ibid.*, p. 61-62.

- *Plausibilidade* – “Os fatos, personagens e circunstâncias devem ser passíveis de ter acontecido”, pois ao ler a narrativa o leitor imagina os fatos; se estes são inverossímeis, o processo de leitura fica interrompido.
- *Logicidade* – “O enredo unificador comporta uma lógica interna, capaz de integrar os enredos episódicos de maneira conveniente”. Sem considerar esse dado, dificilmente os leitores se interessarão.
- *Historicidade* – “O enredo insere-se num quadro histórico de tempo e espaço, articulado com coerência”, a fim de não confundir a cabeça do leitor. A narração estará sempre ambientada em um tempo e não acontece fora da história construída com graça e autonomia pelo narrador.
- *Confiabilidade* – “Os elementos inseridos no enredo devem ser confiáveis, mormente ao se tratar de fatos, personagens e circunstâncias históricas, conhecidos do leitor”. Porém, a preocupação do narrador não será em contar como as coisas, de fato, aconteceram.
- *Dinamicidade* – “O bom enredo é sempre dinâmico”, pois a monotonia desanima o leitor. Este gosta de ser surpreendido, assim se sentirá motivado a continuar a leitura.⁶⁴

Quanto ao personagem, ele é caracterizado como alguém que assume um papel no enredo, podendo ser uma figura individual ou coletiva. Pode receber o papel de protagonista ou de um personagem simples, assumindo um papel passivo na narrativa; pode possuir características diversas, enquanto protagonista; pode ser um personagem redondo, ou de uma característica só, ou seja, personagem plano; como personagem-bloco, aparece sem mudanças no decorrer da narrativa.⁶⁵

O narrador, ao criar o personagem, dá-lhe nome e identidade; determina suas palavras, sentimentos e ações. Move-a na cena da forma que considera melhor e cria quantas forem necessárias para o desenrolar do enredo.⁶⁶

Cabe à análise narrativa identificar como o narrador caracteriza seus personagens em relação à sua função dentro da narrativa. Ele pode receber um

⁶⁴ VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 62-64.

⁶⁵ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*, p. 78.

⁶⁶ VITÓRIO, op. cit. p. 77.

papel simples ou um papel que lhe comporte diversos detalhes, revelando sua importância no enredo. Vejamos o que diz Vitório:

“Os personagens deixam-se reconhecer nos discursos (nas palavras e nos modos como são pronunciados), nas ações (como se comportam), no modo de se vestir (o que vestem), nos gestos e nas atitudes (como se apresentam). Os personagens são também conhecidos por meio do que os outros dizem a respeito dele”.⁶⁷ O modo como o narrador constrói a identidade do personagem influencia o leitor de maneira positiva ou negativa, a ponto de levá-lo a tomar partido a favor ou contra o personagem.⁶⁸

Segundo o autor, há duas formas de introduzir na narração os dados relacionados aos personagens. Isso pode ser feito por meio dos *enunciados intradieéticos*, o que está dentro da narração, como as falas dos personagens quando se remetem a outros personagens, apresentando suas qualidades, defeitos, ou dando outras pistas; por meio dos *enunciados extradieéticos*, os quais não estão relacionados diretamente com a narração, estando fora dela ou sendo-lhe paralelos. Geralmente é o narrador que dá esse tipo de informação, por meio de suas falas não postas na boca dos personagens.⁶⁹

Nas narrativas bíblicas é possível conhecer o caráter dos personagens observando suas ações, aparência física, atitudes e gestos, modo de se portar, de se vestir, comentários, formas de discurso, pensamentos e conversas consigo mesmas narradas ou não.⁷⁰

O narrador onisciente, mesmo sabendo tudo sobre seus personagens, usa de muito critério para partilhar o que conhece aos leitores. Os personagens serão conhecidos do mesmo modo como se dão a conhecer aos seres humanos: pelos sinais que deixam por meio de suas atitudes e comportamentos. Diante disso, surgem suposições, hipóteses e possibilidades.⁷¹

Marguerat e Bourquin apresentam a distinção entre o autor implícito, o narrador e o leitor implícito. O *autor implícito* aparece em suas escolhas narrativas, nas estratégias narrativas empregadas, no estilo usado, nas intervenções das personagens e nos valores que imprime ao relato. Ele é

⁶⁷ RESSEGUIE, J. L., *Narratologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2008, p. 115. In: VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 79.

⁶⁸ VITÓRIO, *Análise narrativa da Bíblia*, p. 79.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 84.

⁷⁰ ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 177.

⁷¹ *Ibid.*, p. 235-236.

definido pela narratologia “como um modo de ser no texto”. Já o *narrador* “é a voz que guia o leitor na narrativa” e o *leitor implícito* é a imagem literária dos leitores pensados pelo autor. O autor implícito, na construção da narrativa, atua em conformidade com as características conferidas ao leitor implícito.⁷²

Outros tópicos importantes para a análise narrativa são apresentados por Alter, que afirma que a arte literária tem um papel decisivo “na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto”.⁷³ Ela diz respeito às inúmeras formas “de exame do uso engenhoso da linguagem, das variações no jogo de ideias, das convenções, dicções e sonoridades, do repertório de imagens, da sintaxe, dos pontos de vistas narrativos, das unidades de composição”.⁷⁴

Questões que para ele merecem atenção são as descrições de algumas ações feitas de forma sintética, enquanto outras são descritas com detalhes, mudanças bruscas de tempo, uso de diálogos em momentos específicos, registro da identidade de algumas personagens, sentido das repetições e ambiguidade de caráter das personagens.⁷⁵

No que diz respeito ao diálogo na narrativa, o autor sinaliza alguns pontos que merecem estudo, como o início de um novo episódio, as palavras iniciais do personagem, os primeiros diálogos e o seu estilo. Faz-se necessário perguntar também quando e como se inicia o diálogo e qual a intenção que o escritor tem quando escolhe usar a narração em vez do diálogo em determinada parte ou cena. Escritores bíblicos contam suas histórias “começando pela narração, passam para o diálogo, voltam momentânea ou extensivamente à narração, mas sempre salientando a interlocução dos personagens, que atuam uns sobre os outros”.⁷⁶ É assim que eles demonstram o modo como se relacionam com Deus. O silêncio de um personagem pode também ser considerado intenção narrativa, podendo ter importância no desenrolar dos fatos.

⁷² MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*, p. 25-27.

⁷³ ALTER, *A arte da narrativa bíblica*, p. 15.

⁷⁴ Ibid., p. 28.

⁷⁵ Ibid., p.41-43.

⁷⁶ Ibid., p. 118-125.

São diversas as técnicas narrativas às quais o leitor deve permanecer atento. Aqui foram citadas as mais pertinentes relacionadas à caracterização dos personagens, aos diálogos narrativos com suas repetições e interlocuções, as opções do narrador, a escolha das palavras e os enunciados, entre outras pistas apresentadas ao longo deste tópico que servirão de guia para a análise narrativa.

2.2.2. A importância e a função da análise narrativa

A confissão de fé dos escritores bíblicos teve por mediação a narração. Ela inaugurou um jeito de fazer teologia com a transmissão de fé dos crentes assim, por meio dela, Deus se deu a conhecer a seu povo, respeitando a linguagem humana.

Gesché afirma que “o ser humano é um ser narrado” e que “entre o Jesus reconhecido pela história e o Jesus confessado pela fé, descobriremos um Jesus narrado”.⁷⁷ Sendo assim, é notório que os relatos evangélicos são reconhecidos como narrativas, por terem narrado Jesus.

Recorda-nos o autor que “os evangelhos não são biografias e constituem uma releitura crente do que aconteceu com Jesus”.⁷⁸ O ensinamento de Jesus foi dado no cotidiano, relacionando-se com o humano e suas aspirações, por meio de pequenas narrativas “curtas e vivas que misturam imagens e parábolas”.⁷⁹ Gesché sinaliza que

não se pode mais abordar a questão cristológica, seja como historiador, seja como crente, fora dessa situação de linguagem que constitui como que o berço e a ponta de entrada. Narra-se Jesus.⁸⁰

O autor enfatiza que “é à narração que o Evangelho inteiro confia a identidade de Jesus”.⁸¹ Quando os fatos parecem nada ensinar, Jesus faz uso da narrativa para que se compreenda quem ele é, qual a sua identidade.

Os evangelhos foram escritos com o propósito de fazer com que os leitores cressem em Jesus como Senhor e Messias. Gesché sustenta que o evangelho busca responder teologicamente ao que ocorreu com Jesus: “Há uma

⁷⁷ GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 50-51.

⁷⁸ Ibid., p.51.

⁷⁹ Ibid., p.55.

⁸⁰ Ibid., p. 68.

⁸¹ Ibid., p. 81.

cronologia da fé que não é idêntica à da história [...]. A intriga evangélica quer fazer-nos decifrar quem é Jesus Cristo”.⁸²

Para o autor, é possível ver todo o Evangelho como uma busca da identidade de Jesus. A partir da leitura da identidade narrativa, é possível perceber que os textos narram um percurso de fé, sem a preocupação de trazer informações. Neste sentido, “a identidade dogmática fica mais bem refletida ao ser passada primeiro pela identidade narrativa. Assim, pois, identidade histórica e identidade dogmática se juntam na identidade narrativa”.⁸³

Em Marguerat e Bourquin, a análise narrativa é um método destinado a verificar o modo como se efetiva a narratividade.⁸⁴ Ela mantém a atenção aos “detalhes” do texto, a fim de compreender qual a sua função e que informações daí podem ser retiradas.⁸⁵ Ela se pergunta:

Como é que o autor comunica sua mensagem ao leitor? Por meio de qual estratégia o autor organiza a decifração do sentido pelo leitor?⁸⁶

Para esses autores, os polos de interesse estão relacionados ao efeito que a narrativa exerce no leitor. Considera-se sempre esse efeito e de que forma o texto auxiliará no descobrimento do sentido. Vale salientar que a análise narrativa vê o texto como uma ação que envolve a comunicação entre autor e leitor e busca descobrir a intenção do autor quanto ao sentido. Feita esta distinção, entende-se que os que se dedicam à análise narrativa buscam apresentar qual a estratégia narrativa utilizada para obter os resultados esperados.⁸⁷

Conforme esses autores, para a narratologia moderna é muito importante ter clara a distinção entre o que é contado e a maneira de contá-lo, pois na composição narrativa o narrador escolhe a maneira de contar a história, a estrutura, o estilo, a abordagem etc.⁸⁸ Para eles, “a maneira de contar um

⁸² GESCHÉ, *O Cristo*, p. 82-83.

⁸³ *Ibid.*, p. 111.

⁸⁴ “A narratividade é o conjunto das características que fazem de um texto uma narrativa, diferente do discurso ou da descrição. Os traços narrativos, pelos quais se identifica um relato [...], diferenciam-se dos traços discursivos, pelos quais se identifica um discurso.” MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*, p. 13.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 13-14.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 16.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 18-20.

⁸⁸ *Ibid.*, p.31-32.

episódio (a composição da narrativa) importa tanto, se não mais, quanto os acontecimentos relatados (história contada)". Em se tratando das narrativas bíblicas, a análise narrativa não se atém somente ao que foi dito, mas busca perceber a estratégia usada pelo autor. É examinando essa estratégia que se chega à teologia do narrador, a qual não deve ser analisada apressadamente, pois deve ser considerada a "teologia do grupo do qual o narrador é o porta-voz".⁸⁹

Os autores bíblicos optaram pela narrativa para contar Deus, porque "Deus se dá a conhecer na história".⁹⁰ Se para relatar o relacionamento entre Deus e os seres humanos os autores bíblicos contaram histórias, foi devido à força que tem a narrativa. Para a narrativa bíblica, o sentido da vida deve ser buscado em Deus:

A narrativa não faz uma dissertação sobre a essência de Deus. Não expõe um Deus que seria definível, contido em um nome, em um conceito. O Deus da narrativa intervém na história e pela história. Ele é histórico, portanto passível de ser contado.⁹¹

Deve-se fazer a passagem do mundo da narrativa para o mundo do leitor através de um trabalho de interpretação. A leitura conduzirá os leitores para "um mundo a ser aperfeiçoado, diante de enredos a serem construídos em torno deles, de personagens a serem descobertos, diante dos traços de Deus a serem percebidos".

Em se tratando da função da narrativa, Ricoeur assinala que a atenção deve se dirigir aos acontecimentos, e não ao narrador. Pois este se esconde para deixar que acontecimentos falem. O olhar deve dirigir-se para o que está sendo relatado e não para o narrador.⁹²

Indispensável é observar a sucessão de acontecimentos, pois neles estão as marcas e sinais de Deus. A inspiração não ocupa o primeiro lugar, pois "a marca de Deus está na história antes de estar na palavra. Em caráter secundário

⁸⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*, p. 34-35.

⁹⁰ Ibid., p. 177.

⁹¹ Ibid., p. 177.

⁹² RICOEUR, Paul. *Escritos e conferências 2. Hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 151-152.

ela está na palavra, enquanto essa história é levada para a linguagem, para a palavra da narração”.⁹³

Conclusão

Os diferentes métodos de interpretação da Bíblia mais se completam do que se excluem, pois cada um, à sua maneira, responde a questões diferentes no seu processo de análise. O método narrativo emprega às narrativas bíblicas um método apropriado ao seu objetivo, pois analisa-as enquanto narrativas e não como documentos históricos, deixando aos demais métodos essas preocupações.⁹⁴

É fundamental conhecer as características da natureza da narrativa e o seu desenvolvimento, uma vez que a sua estrutura caracteriza uma grande parcela dos textos bíblicos. É por meio da narrativa que ocorre o desencadeamento de ações dos personagens, favorecendo a transmissão de experiências e transformações.⁹⁵

Outro ponto de observação importante é a relação entre o leitor e o texto, pois o texto dirige-se a um leitor e busca influenciá-lo. Portanto, ao interpretar um texto, deve-se ter em mente o tipo de leitor a quem o texto intenciona se comunicar. O texto pode conter muitos sentidos, que se encontram nele mesmo, mas que também podem ser produzidos mediante a interpretação do leitor.⁹⁶

É preciso reconhecer a Palavra de Deus nas palavras do texto, nas palavras humanas. Buscar nelas o que os escritores sagrados quiseram expressar para ter acesso à revelação. Nas narrações bíblicas, temos por escrito a experiência dos que testemunharam a presença de Deus e a quiseram comunicar.⁹⁷

A construção dessa história, da história entre Deus e o ser humano, do diálogo existente entre eles, do caminho percorrido juntos, revelará os laços gerados pelo relacionamento, as surpresas de Deus na existência dos crentes e os projetos postos em marcha.

⁹³ RICOEUR, *Escritos e conferências* 2. Hermenêutica, p. 153-154.

⁹⁴ YOFRE et.al., *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 147.

⁹⁵ EGGER, *Metodologia do Novo Testamento*, p. 116 -118.

⁹⁶ LIMA, *Exegese bíblica: teoria e prática*, p. 17-18.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 21-22.

Isso implica reconhecer a revelação que se encontra nos textos, na linguagem e em suas interpretações. A experiência com esses textos nos conduzirá à verdade dos princípios que almejamos.⁹⁸

Para o método teológico, a narrativa tem revelado grande interesse, tendo em vista que a leitura de narrativas revela o mundo que a teologia manifesta. Nesse sentido, a fé cristã é entendida como revelação por meio das memórias conservadas nas narrativas, que convidam ao compromisso com uma vida mais justa e fraterna.⁹⁹

Os seres humanos são formados através das suas histórias de vida e das histórias que ouvem. A análise teológica do texto literário busca ver como se realiza a ação de Deus na história tendo presente os limites da linguagem e do contexto.¹⁰⁰

Os métodos de análise narrativa, com suas potencialidades e limites, auxiliam na interpretação do texto bíblico e em sua atualização.

No capítulo que se segue, serão retomados os elementos principais apontados pelos autores estudados e será feita uma demonstração de teologia narrativa no texto *Saulo, o escolhido por Cristo* (At 9,1-19), a fim de mostrar o uso da linguagem narrativa na teologia.

⁹⁸ MAGALHAES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*. Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 201-203.

⁹⁹ Ibid., p. 218-221.

¹⁰⁰ Ibid., p. 233.

CAPÍTULO 3

UM EXEMPLO BÍBLICO DE TEOLOGIA NARRATIVA: AT 9,1-19A

Introdução

O livro dos Atos dos Apóstolos constitui uma continuação da obra literária de Lucas, o terceiro evangelho. Com o objetivo de relatar como se deu o crescimento da comunidade cristã nesse período, Lucas faz uso de diversos gêneros literários em sua macronarrativa, há uma série de discursos, apologias e narrativas.

Dentro da sua obra, foi escolhida a perícope de At 9,1-19a, a fim de demonstrar a teologia contida no texto narrativo. Para isso se fará uso do método de análise narrativa.

A perícope primeiramente será apresentada em seu contexto amplo, livro dos Atos dos Apóstolos. Após essa contextualização, será feita uma breve apresentação de quem foi Saulo/Paulo, personagem principal da narrativa. A partir daí se fará a análise teológica/literária da narrativa escolhida.

A pesquisa feita a partir do método de análise narrativa leva em consideração as estratégias narrativas, a fim de chegar à teologia do autor. Portanto, serão identificadas as categorias literárias com o propósito de apresentar a teologia presente no texto e como a mensagem de salvação do cristianismo é transmitida, uma vez que as narrativas bíblicas não são tratados teológicos, mas sim relatos de experiências de fé.

Para isso, verifica-se como o narrador construiu a narração e analisam-se as estratégias usadas com o intuito de provocar a construção de sentido durante a leitura. A criação do enredo, o narrador, os personagens, o tempo, o espaço e o foco narrativo são componentes literários usados para representar a teologia do autor e a sua confissão de fé.

É exatamente este o esforço do método de análise narrativa: a busca por compreender o sentido do texto. Por isso, o seu interesse está no texto final e nos recursos literários usados pelo narrador, uma vez que, ao verificar como o narrador construiu a narração, é possível perceber o significado do texto e suas conexões literárias.

O mérito da narrativa é abrir-se a mais de uma leitura, não determinando uma verdade única e acabada. O leitor busca o sentido de uma “verdade em diálogo, que permanece em movimento”.¹ A atenção recai sobre o modo como a história é narrada e como o narrador convida o leitor a entrar no texto.

Segundo Ricoeur, a interpretação tem como finalidade “compreender o ‘mundo’ literário e teológico desenvolvido no texto”. Ele parte da constatação de que “a existência humana é portadora de sentido” e procura sinais desse sentido em tudo o que atesta “nosso esforço para existir e nosso desejo de ser”.² Ricoeur vê os textos bíblicos com o olhar da fé e infere que eles “são autênticas testemunhas da presença do absoluto na história”; para ele o discurso religioso “não é privado de sentido, vale a pena ser examinado porque nele se diz algo que não é dito nas outras modalidades do discurso.”³

O método de análise narrativa não está comprometido com a análise dos acontecimentos históricos, nem das tradições que elaboraram esses textos. Também não se pergunta quanto à sua construção. O seu foco está no texto final e em suas conexões literárias.

Como apoio literário e teológico/bíblico serão usados: Daniel Marguerat, André Wénin, Robert Alter, Luciano Zapella, entre outros.

3.1. A perícopa em seu contexto amplo: o livro dos Atos dos Apóstolos

O livro dos Atos dos Apóstolos possui uma homogeneidade literária e teológica que confirma a unidade da obra lucana. Corrobora também com essa afirmação o fato de a narrativa iniciar na ascensão (At 1) e o evangelho de Lucas terminar exatamente nesse ponto (Lc 24). Outros elementos indicadores de que Lucas-Atos constituem uma única obra é a dedicatória do relato a Teófilo (Atos 1,1), mesmo destinatário do terceiro evangelho.⁴

O autor de Lucas-Atos é alguém que possui cultura, conhece a região e suas instituições. É também um conhecedor da Bíblia grega, proveniente do paganismo e atraído pelo judaísmo. Foi um habilidoso escritor, pois buscou coerência ao narrar a história e preocupou-se em cativar o seu leitor, usando

¹ WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: Leitura de Gênesis 1,1–12,4*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 14-18.

² RICOEUR, Paul. *A hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 19.

³ Ibid., p. 20.

⁴ MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 137-138.

para essa finalidade vários recursos narrativos. Pertence ao grupo dos que se apegaram à memória de Paulo e conservaram sua tradição, dando continuação à evangelização.⁵

Dois personagens têm especial destaque na narrativa dos Atos: Pedro e Paulo. Cada um a seu modo e a seu tempo são chamados como testemunhas de Cristo e irão anunciá-lo aos judeus (1,1–15,35) e aos gentios (15,36–28,31).⁶

Lucas dirige sua obra aos cristãos que viviam no império e tem por finalidade convencer um número maior de adeptos ao cristianismo. A obra foi redigida no Mediterrâneo ocidental (Macedônia, Antioquia) ou em Roma, por volta do ano 90.⁷

Os discípulos serão testemunhas a partir da força do Espírito, e sua atenção deve estar concentrada na missão a ser realizada no presente. “Entre a ascensão e a parusia se instala um tempo no qual a fidelidade não consiste apenas em aguardar o Reino, mas em trabalhar na difusão da Palavra”.⁸

O livro dos Atos dos Apóstolos reproduz a história de Jesus ao narrar a história dos discípulos. Os discípulos realizam em Atos o que Jesus realizou no evangelho, sendo guiados pelo mesmo Espírito. Entretanto, o percurso durante a missão é o oposto: enquanto Jesus sai da Galileia e vai até Jerusalém, os discípulos, em Atos, saem de Jerusalém e anunciam por toda a terra.⁹

3.1.1. Quem era Saulo/Paulo

“Saulo” é o nome hebraico recebido na circuncisão. Nos Atos dos Apóstolos, “Paulo acrescenta ao nome semítico de ‘Saulo’ a forma grega ‘Paulos’, depois de seu encontro com o procônsul de Chipre, que se chamava Sergius Paulus (At 13,9)”.¹⁰ Ele passou a ter, portanto, um nome duplo. Na tradução latina, tem-se *Paulus*, equivalente a “pouco” ou “pequeno”, donde “paulatino”, “paulatinamente”.

⁵ MARGUERAT, *Novo Testamento: história, escritura e teologia*, p. 146-153.

⁶ *Ibid.*, p. 140.

⁷ *Ibid.*, p. 146.

⁸ *Ibid.*, p. 155.

⁹ EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Loyola, 2011. Tradução, introduções e notas. Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske. p. 219.

¹⁰ REYNIER, Chantal. *Para ler o apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 24.

A cidade de nascimento de Paulo é Tarso, região da Cilícia, atual Turquia, sendo a família proveniente do Norte da Galileia. O seu nascimento pode ser situado por volta do ano 10 da nossa era. Ele se define um judeu, israelita e pertencente ao grupo dos fariseus.

Se, porém, tu te denominas judeu, te apoias na Lei e te orgulhas em Deus, tu que conheces sua vontade e, instruído pela Lei, sabes discernir o que é melhor, convencido como estás de seres guia dos cegos, luz dos que estão nas trevas, educador de insensatos, mestre de crianças, tendo a formulação da ciência e da verdade que está na Lei (Rm 2,17-20).

Nas cartas, Paulo faz questão de ressaltar que foi “circuncidado ao oitavo dia”, que é “da estirpe de Israel” e “da tribo de Benjamin” (Fl 3,5). Ele conhecia, dentro de sua religião materna e também a partir da cultura greco-romana, várias interpretações a respeito da salvação pela Lei. Foi um cumpridor rigoroso da Torá e um exímio observante das tradições paternas.¹¹

O seu ofício estava ligado à produção têxtil, profissão recebida da família. Recebeu uma formação intelectual longa e rigorosa, estudou os escritos sagrados e possuía uma consciência clara da sua identidade, dos costumes do seu povo e de suas tradições. Teve a influência de vários ambientes culturais e possuía a cidadania romana, que era outorgada à elite.¹²

Presente na execução de Estêvão, é identificado como sendo um fiel observador da religião judaica e perseguidor dos cristãos. É mencionado em 7,58: “As testemunhas depositaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo”, em 8,1: “Ora, Saulo aprovava esse assassinato”, e em 8,3: “Saulo, entretanto, devastava a Igreja; entrando de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão”.¹³

A perseguição contra os seguidores de Cristo ocorreu devido à sua formação farisaica e ao seu zelo irrepreensível à Lei. No entender de Paulo, contrapor-se aos cristãos significava “salvar a glória de Deus”. Sua motivação era, portanto, “teologal”. Para ele, a relação com Deus precisa passar pelo caminho da Lei. Como os cristãos o rejeitavam, deveriam ser eliminados, “para

¹¹ SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André (SP): Academia cristã; São Paulo: Paulus, 2017. p. 376-379.

¹² REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 25.

¹³ EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS, *Novíssima tradução dos originais*, p. 32.

que fosse preservada a glória de Deus”. Os cristãos também deveriam ser combatidos, pois Cristo havia se declarado “Filho de Deus”, pretensão vista como uma blasfêmia para os judeus, uma vez que “é impossível, por conta da própria transcendência de Deus, que ele adquira a constituição de um homem, introduzindo-se na História”.¹⁴

A manifestação de Cristo na estrada de Damasco se deu nos anos 34 ou 37. Paulo fala desse encontro devido à súbita intervenção que ocorreu em sua vida: “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno, e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que eu evangelizasse entre os gentios” (Gl 1,15-16). Para ele, a luz de Damasco significa “um novo nascimento”.¹⁵

Para compreender a mensagem paulina, é necessário entender o que representa o encontro com Cristo no caminho de Damasco e como se deu essa transformação imprevista. Quando Paulo faz referência ao seu passado, pretende evidenciar a transformação que Cristo fez na sua vida.¹⁶ É o que será visto na narrativa.

3.1.2. Narrativa de At 9,1-19a¹⁷

¹ Saulo, respirando ainda ameaça e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote ² e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco para que, caso encontrasse alguns que fossem do Caminho, tanto homens como mulheres, pudesse levá-los presos para Jerusalém. ³ Mas aconteceu que, na viagem, quando estava perto de Damasco, de repente uma luz vinda do céu brilhou em torno dele. ⁴ Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” ⁵ Ele disse: “Quem és, Senhor?” E ele: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” ⁶ Mas levanta-te, entra na cidade, e te será dito o que deves fazer”. ⁷ Os homens que viajavam com ele ficaram parados, emudecidos, pois ouviram a voz, mas não viam ninguém. ⁸ Saulo se levantou do chão, mas, embora seus olhos estivessem abertos, não enxergava nada. Eles, conduzindo-o pela mão, o fizeram entrar em Damasco. ⁹ Ele ficou três dias sem enxergar e não comeu nem bebeu. ¹⁰ Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Em uma visão, o Senhor lhe disse: “Ananias!” Ele respondeu: “Aqui estou, Senhor!” ¹¹ O Senhor lhe disse: “Levanta-te, vai à rua chamada

¹⁴ REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 33-34.

¹⁵ Ibid., p. 38.

¹⁶ Ibid., p. 21-32.

¹⁷ Para esta perícopa usamos a tradução de *A Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.

Direita e, na casa de Judas, procura por um homem de Tarso, chamado Saulo. Está orando ¹² e, em uma visão, viu um homem chamado Ananias que, tendo entrado, lhe impôs as mãos para que recuperasse a vista”. ¹³ Ananias, porém, respondeu: “Senhor, tenho ouvido de muitos a respeito desse homem, quantos males ele fez a teus santos em Jerusalém. ¹⁴ E aqui ele tem autoridade dada pelos sumos sacerdotes para prender a todos os que invocam teu nome”. ¹⁵ Mas o Senhor lhe disse: “Vai, porque ele é um instrumento eleito por mim para levar meu nome aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel. ¹⁶ Eu lhe mostrarei quanto deverá padecer por causa de meu nome”. ¹⁷ Então Ananias foi, entrou na casa e, tendo imposto sobre ele as mãos, disse: “Saul, irmão, o Senhor me enviou – Jesus, aquele que te apareceu no caminho por onde vinhas – para que recuperes a vista e fiques pleno do Espírito Santo”. ¹⁸ Imediatamente caíram de seus olhos algo semelhante a escamas, e recuperou a vista. Tendo-se levantado, foi batizado. ^{19a} Depois de comer, recuperou as forças.

3.1.3. Delimitação

Na estrutura básica de Atos, percebe-se que tudo é organizado em função do testemunho dos apóstolos, da ação do Espírito Santo e da expansão do Evangelho, alcançando os confins do mundo. Lucas, após a narração da história de Jesus (evangelho lucano), narra a história da igreja primitiva, fazendo notar que é o Espírito quem a guia e anima a tarefa missionário dos discípulos de Jesus.

A perícope estudada inaugura uma nova sessão no relato lucano. A Boa-Nova chega aos gentios, ultrapassando fronteiras religiosas e culturais, de Jerusalém se expande até os confins da terra. Desse modo, a Igreja confirma e proclama a salvação, fortalecendo a fé dos cristãos ao mostrar o seu firme fundamento.

Com esse intento, o autor constrói a narrativa de Atos 9,1-19a, criando uma conexão entre as perícopes que dão uma lógica interna ao texto. Atos 9 configura uma sequência narrativa de episódios ligados aos capítulos 7 (que relata o martírio de Estevão), 8 (que narra a perseguição e expansão da igreja) e 10 (encontro entre Pedro e Cornélio), abordando a temática da Igreja, evangelização, conversão e ação de Deus na história. O capítulo 9 também

sucede o relato das conversões de Simão e do eunuco etíope, as quais revelam a eleição de Deus.¹⁸

Dentro desse ambiente e contexto, a delimitação dessa perícopa é de fácil identificação, pois ao decompor o texto é possível avaliar os elementos estruturantes, adentrar no conteúdo da narrativa, examinar o seu eixo central e descobrir o seu sentido. O início e o fim possuem uma unidade linguística bem determinada.

Atos 9,1-19a compõe-se de dois episódios: o primeiro apresenta o encontro de Paulo com o Cristo glorioso perto de Damasco; o segundo, o encontro com Ananias. Portanto, há duas ações principais no relato, com sentidos próprios e unívocos. Elas ocorrem dentro de um espaço de tempo, ambientadas em lugares diferentes, com personagens que se movem dentro das cenas e mudam de lugar. É possível observar a continuidade na sequência dos episódios, indicando a mudança de ação. O primeiro encontro representa o embate entre a fé de Paulo e a comunidade cristã; o segundo, a inserção de Paulo na comunidade cristã.¹⁹

O texto, portanto, está delimitado de acordo com a divisão em capítulos e versículos que coincidem com o início e o fim do relato. O contexto é o livro dos Atos, que tem por finalidade aprofundar o tema “da expansão da Palavra, do testemunho apostólico e do derramamento do Espírito”.²⁰

3.2. Análise literária

A narrativa de Atos 9,1-19a é a mais completa dentre as outras duas que tratam do tema da vocação de Paulo. Lucas, ao escrever a primeira narrativa, relata ao leitor o que ocorreu no caminho de Damasco. Os outros dois relatos são feitos em primeira pessoa pelo próprio Paulo, quando é preso em Jerusalém e precisa se defender da denúncia de não ter respeitado o Templo.²¹

Para o leitor que acompanha a narrativa dos Atos, Paulo não é um personagem desconhecido, pois já foi citado na ocasião do apedrejamento de Estêvão. Ele não só dá o seu assentimento a essa execução, como também

¹⁸ MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo*. Os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003. p. 208-209.

¹⁹ EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*, p. 235.

²⁰ Aula ministrada pelo prof. Dr. Boris A. Nef Ulloa, PUC-SP, 26 de abril de 2018.

²¹ CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos*. Estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 201.

apoia e defende a repressão suscitada em Jerusalém “contra os judeus convertidos de língua grega (7,58b; 8,1a.3)”. Lucas retoma esses fatos e os insere em uma narrativa que relata a mudança interior de Paulo, mostrando a força de Deus. Aquele que perseguia os cristãos, após o chamado de Deus, torna-se um pregador destemido do anúncio de Jesus Cristo, o Messias.²² A narração é ordenada e bem construída, pois apresenta Paulo antes do episódio referente a ele.²³

Ao apóstolo dos gentios é dedicada uma narrativa rica em detalhes para relatar a sua mudança inesperada após a intervenção divina. Paulo se torna aquele que irá levar a mensagem de salvação para além dos territórios da Palestina, para os pagãos.²⁴

É no início da narração que “os leitores são introduzidos ao mundo da narrativa” e é apresentada a sua intencionalidade. Os acontecimentos finais também têm função importante, pois realizam um papel indispensável dentro da narrativa em sua amplitude.²⁵

A análise narrativa mantém a atenção voltada mais ao modo como se narra do que ao que se narra, visando captar o efeito que o texto produz no leitor. Ricoeur enfatiza que se deve buscar “o significado do texto em si” e a atenção deve-se dirigir ao texto não para saber se o fato narrado realmente aconteceu, mas para buscar o significado do relato e a fé que o fundamenta.²⁶

As respostas às perguntas levantadas só serão encontradas dentro do texto mesmo. “É por isso que é necessário entender o texto para crer.”²⁷ Devem-se observar as palavras, acontecimentos e o que as vidas inspiram no coração “da experiência e da história que apesar de tudo transcende experiência e história”²⁸

Com a análise dos elementos literários da narrativa: narrador, enredo, ponto de vista ou foco narrativo, tempo, espaço e personagens é possível

²² FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 183.

²³ CASALEGNO, *Ler os Atos dos Apóstolos*. Estudo da teologia lucana da missão, p. 202.

²⁴ FABRIS, op. cit., p. 183.

²⁵ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 484.

²⁶ RICOEUR, Paul. *Ensaaios sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004. p. 24-30.

²⁷ Ibid., p. 54.

²⁸ Ibid., p. 113.

perceber as estratégias usadas pelo autor bíblico e o modo como elas influenciam os leitores.

3.2.1. Narrador

Por ter o narrador uma função preponderante na narração, começa-se a análise por este personagem criado pelo autor e avalia-se como ele é apresentado e de que forma está presente na narrativa.

No caso da narrativa de Atos 9,1-19a, identifica-se o narrador como alguém que conhece os fatos, as palavras ditas pelos personagens, os sentimentos, mas não faz comentários, análises ou julgamentos e nem expõe o seu pensamento. Contudo, ele observa “do alto e de fora da história, movendo-se no espaço e no tempo”.²⁹ É por isso considerado um narrador onisciente e, no nível narrativo, extradiegético.³⁰

Na relação com a história, ele é heterodiegético,³¹ pois está ausente do relato, não participa da história narrada, não fala de si mesmo e a relata de maneira imparcial. Embora não participe da história, ele parece estar presente em todos os lugares em que a história decorre, pois conhece tudo sobre ela, podendo ser configurado como um narrador-testemunha.

Desde o início da narrativa, o narrador deixa o leitor a par das intenções de Paulo a fim de dar ênfase à mudança ocorrida interiormente no fariseu. No entanto, limita-se a narrar sem intervir na narração. Os acontecimentos são relatados e desenvolvidos paulatinamente, o ritmo não é nem acelerado nem lento, fazendo com que o leitor tenha chance de refletir e interagir com os personagens. Desse modo, ele facilita o acesso à mensagem que está sendo transmitida.

É um narrador externo, pois “vê e diz só o que sabe dos personagens”, não antecipa os eventos, mas os registra quando acontecem. Apesar de não

²⁹ ZAPPELLA, *Manuale di analisi narrativa bíblica*, p. 23-32.

³⁰ “É extradiegético o que é externo ao relato, como o autor e o leitor, os quais, por isso, são chamados de instâncias extradiegéticas”. In: ALETTI, Jean-Noël et al. *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 85.

³¹ “É chamado heterodiegético tudo o que não está na história narrada. O adjetivo é aplicado sobretudo aos narradores que em nenhum momento falam de si mesmos”. In: ALETTI, *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, p. 86.

relatar a história em primeira pessoa, é também interno, pois conta uma história vivida por outro, “sabe o que ocorreu ao outro e conta como uma testemunha”.³²

3.2.2. Enredo

O enredo é bem constituído, pois na exposição o narrador apresenta objetivamente os fatos, dá a conhecer o passado de Paulo e suas intenções enquanto perseguidor dos cristãos. Fornece as informações necessárias sobre o personagem e o cenário, e apresenta as circunstâncias dos acontecimentos.

Na complicação, o conflito é desenvolvido, e este se dá no diálogo/encontro entre Paulo e Jesus. É quando algo inesperado acontece: “Uma luz vinda do céu brilhou em torno dele” (v. 3). Surge aqui a tensão interna que permanecerá até o desenrolar da narrativa: Paulo cai por terra e ouve uma voz que lhe interroga (v. 4).

O enredo dá unidade lógica às diversas partes da narrativa e garante a sua coerência interna, dando sentido aos episódios. Está circunscrito a um tempo/espço e é desse modo ordenado. A verossimilhança ocorre uma vez que os fatos são passíveis de terem acontecido, e a narrativa continua surpreendendo o leitor até o seu desenlace.

Não se tem em conta aqui a estrutura como fato determinante, focando-se nas articulações da narração.

3.2.3. Ponto de vista ou foco narrativo

Quanto ao ponto de vista, o narrador onisciente conta a história, está em todos os lugares onde se encontra o personagem principal e faz referências ao que acontece internamente a este último. Através do ponto de vista, ele emite sua opinião e conduz a apresentação dos personagens, manifestando seu sistema de valores e sua concepção de mundo. Percebem-se mudanças também no ponto de vista dos personagens, demonstrando as diversas funções desenvolvidas na narrativa.³³

A narrativa possui focalização zero, pois as informações dadas ao leitor vêm de um narrador onisciente que “sabe e diz mais que os personagens da

³² ZAPPELLA, *Manuale di analisi narrativa bíblica*, p. 32.

³³ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas*. Iniciação à análise narrativa, p. 86.

história”, sem estar circunscrito ao tempo e ao espaço.³⁴ Por ser onisciente, está relacionada com a imagem do personagem que o narrador quer privilegiar. Por meio da focalização, o narrador associa o leitor à interioridade do personagem, através da qual o leitor poderá observar por si mesmo elementos da identidade de Paulo.

São usadas as modalidades *telling*, por meio da voz do narrador, e a modalidade *showing*, por meio da qual as cenas são vistas através dos diálogos diretos que se descortinam diante do leitor. O leitor é testemunha em primeira pessoa do que ocorre na narrativa.

3.2.4. Tempo

Percebe-se o uso do tempo envolvendo o leitor e direcionando sua atenção ao foco narrativo. Há uma transição entre o passado, o presente e o futuro, criando expectativas e suscitando memórias. Tudo é minimamente pensado e as palavras bem escolhidas. De acordo com a importância, algumas coisas são comunicadas brevemente, outras sem pressa. A atenção se fixa no diálogo entre Jesus e Paulo, sendo que este assimila devagar o acontecimento.

O tempo cronológico passa num ritmo próprio. Há o tempo da viagem, da travessia, do encontro, da escuridão, do silêncio, da assimilação e da obediência à voz do Senhor. O ritmo é marcado também pelo tempo dos sonhos ou visões, da aceitação do projeto de fé por parte dos personagens. Presente e passado são intercalados, ajudando na caracterização dos personagens e explicando os eventos do passado, os quais desencadearam os conflitos existentes na narrativa. Há a presença do tempo psicológico que ocorre no interior dos personagens de forma subjetiva, refletindo pensamentos, emoções, sentimentos, memórias e sensações. Cada um o vivencia de forma diferente. As elipses temporais deixam os acontecimentos passarem em silêncio.

Há uma velocidade em que a narrativa se movimenta. O autor usa a analepse, ao se remeter a um acontecimento anterior ao ponto em que se dá o relato: “Saulo, respirando ainda ameaça e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para a sinagoga de Damasco para que, caso encontrasse alguns que fossem do Caminho, tanto homens como

³⁴ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas*. Iniciação à análise narrativa, p. 94.

mulheres, pudesse levá-los presos para Jerusalém” (vv. 1-2); e a prolepse na evocação antecipada de um acontecimento que se desenrolará mais tarde: “Vai, porque ele é um instrumento eleito por mim para levar meu nome aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel. Eu lhe mostrarei quanto deverá padecer por causa de meu nome” (vv. 15-16).

Quanto ao ritmo narrativo, não foram percebidos efeitos de raleamento ou de aceleração, mas há mudanças de cronologia. O versículo 3 faz uma pausa, pois corresponde à voz do narrador, a fim de descrever o que acontecerá a seguir, nos versículos 4-6. O tempo da narração é igual ao tempo narrado, constatada especialmente em diálogos.

O relato de Atos 9 é construído dentro de um espaço-tempo: a estrada de Damasco, o meio-dia, o antes e o depois, o espaço da cidade e o da casa, a luz e a cegueira (escuridão), o chegar e o sair, o caminhar e o parar. Nesses contrastes existe uma tensão dramática que ressalta o plano de Deus no espaço-tempo da história.

3.2.5. Espaço

Há modificações no espaço, pois Paulo e seus companheiros se põem a caminho e partem para Damasco. O primeiro espaço é aberto, a estrada; o segundo fechado, a casa de Judas.

O “Caminho” encontrou Paulo “no caminho”, na estrada de Damasco, à luz do dia. O espaço aqui não representa somente um lugar físico, mas também a relação com o significado que estabelece com os personagens e está relacionado à construção do texto literário, revelando as intenções do narrador, sentidos e valores. O simbolismo do lugar geográfico se impõe no conjunto da narrativa. Há significados que irão perpassar o relato, caracterizando os personagens que vivem e atuam naquele espaço.

No segundo episódio, Paulo entra na cidade, na rua Direita, na casa de Judas, sendo, portanto, um espaço bem delimitado. No sentido metafórico, há o espaço interior do personagem que tem muita força na narrativa. Paulo revê seus conceitos, suas crenças, suas escolhas e muda interiormente. Há uma transformação psicológica, ideológica e simbólica que se verifica na relação entre espaço e personagens.

A aridez da estrada, o sol, o cansaço do caminho, a dura caminhada, a luz que o faz cair por terra e o cair por terra projetam a mudança interior do personagem e o remetem ao drama em causa.

O espaço é descrito detalhadamente e em alguns momentos é dissolvido na narração. A influência do ambiente sobre a história é incontestável, pois o personagem vem de um espaço que lhe impõe as motivações da sua existência. As estratégias literárias estão presentes nas ações dos personagens, na cuidadosa escolha das palavras, nas imagens criadas, no ambiente em que as cenas se desenrolam, nas repetições, compondo a intenção narrativa do autor.

Os personagens secundários também dão o tom da narrativa. Eles ficam entre o suspense e a surpresa, emudecem, ficam parados e perplexos, pois participam de uma situação inesperada, da tensão que define a narrativa. Nesse espaço exterior e interior de conflito é criada uma atmosfera que exprime os estados de ânimo dos personagens e alude a uma mudança iminente.³⁵

Damasco, a cidade para a qual Paulo se dirige, vive um período tenso e de fragilidade devido à guerra desde os anos 30. Esse contexto de perseguição, tensão, desconfiança nos quais vivem os cristãos e a comunidade judaica de Damasco também incide na narrativa.³⁶

3.2.6. Personagens

Os personagens são conhecidos por meio do que o narrador e outros personagens dizem a respeito deles. Os principais são Paulo, Jesus, Ananias. Os personagens secundários são os homens que viajavam com ele.

Paulo é considerado um personagem redondo, complexo. O narrador dá a conhecer ao leitor que “Saulo, respirando ainda ameaça e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco para que, caso encontrasse alguns que fossem do Caminho, tanto homens como mulheres, pudessem levá-los presos para Jerusalém” (vv. 1-2). Essas são pistas sobre o personagem através das quais fica-se conhecendo quais são seus pensamentos, motivações e sentimentos para que o leitor possa testemunhar a mudança que no decorrer da narrativa ocorre com o personagem.

³⁵ ZAPPELLA, *Manuale di analisi narrativa bíblica*, p. 142.

³⁶ REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 36.

Paulo era um homem crente, temente a Deus e conhecedor das tradições do seu povo. Durante a narrativa, ele evolui como personagem e é possível observar as mudanças que ocorrerem nas relações entre os personagens, passa-se da desconfiança à confiança, da rejeição ao acolhimento.

Quanto à caracterização, os traços físicos não são descritos. Os personagens são apresentados na modalidade narrativa *telling* e *showing*, pois o narrador em alguns momentos escolhe dizer, em vez de mostrar (*telling*) e, em outros, o narrador mostra os fatos, em vez de qualificá-los (*showing*).³⁷

O nome “Paulo” identifica sua função e está acompanhado de uma explicação que se refere a sua origem/raiz, antecipando o seu sentido e significado. A mudança de nome indica o novo rumo dado à sua vida. Quando Deus chama alguém pelo nome (Is 43,1; 45,3; 49,1), é porque Ihe confia uma função.

3.2.7. Estratégias literárias

Usando uma estratégia diferente do evangelho, construído com pequenas unidades narrativas, nos Atos Lucas constrói sequências, reunindo várias cenas. No decorrer da narrativa, os sumários unem as sequências com o objetivo de ligá-las com o projeto de Deus, que é o avanço da Palavra. Os sumários marcam “o ritmo do início dos Atos, a maneira de refrão, ressaltando o crescimento da Igreja levada pelo agir de Deus (2,42-47; 4,32-35; 5,12-16; 6,7; ver também 9,31; 12,24; 16,5; 19,20; 28,30)”.³⁸

Os sumários constituem sinais e traços de uma teologia que tem o cuidado de marcar a continuidade da história da salvação. Por isso há a recorrência de determinados temas, “a repetição de enredos, as correntes narrativas e a síncrise”, esta última dando a conhecer um personagem tendo por base a representação de um outro, com a finalidade de criar uma correspondência entre eles. Há vários exemplos de síncrise na Bíblia. A semelhança de destino entre Cristo, Pedro e Paulo configura, “de um lado, a fidelidade dos discípulos ao Mestre e, de outro, a intervenção divina na história”.³⁹

³⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*, p. 89.

³⁸ MARGUERAT, *Novo Testamento: história, escritura e teologia*, p. 154.

³⁹ *Ibid.*, p. 153-155.

Na perícope sobre a aparição, Lucas utiliza o esquema literário da tradição bíblica que tem características próprias: “A luz, a voz e a aparição de uma figura celeste e, enfim, a reação do destinatário ou destinatários da revelação”.⁴⁰

Esses elementos referem-se a uma teofania, à maneira do Antigo Testamento, em que “luz e voz são os elementos clássicos por meio dos quais Deus se manifesta”.⁴¹ A luz também simboliza a glória divina e, pelo fato de nenhum homem poder ver a Deus, o seu efeito é a cegueira.⁴²

O contraste entre visão e cegueira é simbólico: Paulo era cego ao perseguir os cristãos, mas, após seu ingresso na comunidade, volta a enxergar. Ele narra essa experiência em Gl 1,12-17.⁴³

Do mesmo modo, “o cair no chão, o diálogo entre a voz celestial e o personagem atingido pela aparição pertencem às teofanias de Deus no Antigo Testamento (Ex 24,15; Ez 1,4.13.27; Ez 1,25; 10,5; 43,6; Dt 4,12; 5,23; Nm 7,89; 2Sm 22,14)”.⁴⁴

O cair por terra é usado também em outras narrativas bíblicas com a intenção de mostrar “a fraqueza do ser humano perante a manifestação transcendente. É o caso de Ezequiel, de Daniel e do perseguidor Heliodoro (Ez 1,28; 44,4; Dn 10,9; 2Mc 3,27)”.⁴⁵

Apesar de a queda de Paulo ter sido representada na arte sacra como tendo sido de um cavalo, é pouco provável que assim tenha acontecido devido às características da região.

O diálogo, também um componente presente nos gêneros literários teofânicos, se realiza para evidenciar um acontecimento importante, “a tal ponto que a transição da narração para o diálogo é por si só um índice do que é essencial e do que o escritor considera subsidiário ou secundário”. Levando em consideração que os diálogos requerem uma maior atenção ao que está sendo narrado, dada a importância dessa técnica, investiga-se “como surge e decorre o diálogo”.⁴⁶

⁴⁰ FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 187.

⁴¹ CASALEGNO, *Ler os Atos dos Apóstolos*; estudo da teologia lucana da missão, p. 202.

⁴² FABRIS, op. cit., p. 188.

⁴³ EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. Novíssima tradução dos originais, p. 235.

⁴⁴ CASALEGNO, op. cit., p. 217-218.

⁴⁵ Ibid., p. 218.

⁴⁶ ALTER, *A arte da narrativa bíblica*, p. 269.

O caráter singular da narração está no diálogo, no qual Paulo é chamado duas vezes pelo nome. A pergunta lançada por Jesus é direta: “Por que me persegues?”, a qual Paulo replica: “Quem és, Senhor?”, ao que Jesus se apresenta a Paulo: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”, ápice do diálogo entre eles. Deve ser observada a repetição do termo “persegues”, porque ele marca o momento em que o perseguidor mudará radicalmente a sua visão sobre Jesus.⁴⁷

Os companheiros de Paulo conseguem ouvir a voz, mas não veem quem fala. A atenção de Lucas concentra-se somente sobre Paulo e sobre a missão que lhe é dada por Jesus.⁴⁸

Os diálogos são curtos, simples, bem construídos. O narrador se mantém neutro e evita explicar ou comentar o que relata. Tudo é estrategicamente pensado.

No relato, além da aparição, podem-se observar duas visões – a de Ananias e a de Paulo –, que acontecem ao mesmo tempo. A dúplice visão é um gênero literário utilizado por Lucas que se pode ver também em outros relatos (At 10,3-8; 10,9-16) para realçar que “a providência de Deus rege os acontecimentos”.⁴⁹

Ananias possui função importante dentro da narração. É relatado o momento em que ele, numa visão, é enviado ao encontro de Paulo em Damasco. Sabendo que Paulo era perseguidor, manifesta suas objeções a respeito do pedido, mas acaba obedecendo quando lhe é explicado o motivo. Por meio dele, Paulo recupera a vista, recebe o batismo e é acolhido como irmão.⁵⁰

O autor dos Atos dá grande ênfase à missão confiada a Paulo e realizada por ele nos primórdios da Igreja. Jesus declara a Ananias que Paulo é “instrumento escolhido” para levar o seu nome aos gentios. O fato de ele ser testemunha e enviado o aproxima aos Doze.⁵¹ Paulo prega a messianidade e filiação divina de Jesus.

⁴⁷ FABRIS, op. cit., p. 187.

⁴⁸ CASALEGNO, *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, p. 207-209.

⁴⁹ Ibid., p. 203.

⁵⁰ Ibid., p. 212.

⁵¹ Ibid., p. 213-215.

O ser “instrumento escolhido” faz referência à “eleição eterna de Paulo por parte de Deus que se manifesta no momento histórico do seu chamado”,⁵² que é graça de Deus.

O chamado de Paulo foi um importante acontecimento na Igreja primitiva. O próprio Paulo recorda e faz menção várias vezes desse evento nas suas cartas:

Em Gl 1,15-16: “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue”. Em Fl 3,12b: “Vou prosseguindo para ver se o alcanço, pois que também *já fui alcançado por Cristo*”. Em 1Cor 9,1: “Não sou apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor?” Em 1Cor 15,8-10: “Em último lugar *apareceu* também a mim como a um abortivo. Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou”, reconhecendo que na sua existência tudo foi graça. [...] Esses trechos das cartas paulinas mostram que Paulo não pode esquecer o evento que o mudou profundamente.⁵³

A vocação de Paulo está sempre relacionada com a missão recebida. Ele é enviado aos judeus e aos pagãos, embora os dois últimos relatos deem maior ênfase à missão aos gentios. Segue-se o plano da história da salvação: primeiro os judeus, depois os pagãos. Paulo anunciará Jesus aos pagãos quando os judeus não o acolherem.⁵⁴

Em relação à frequência narrativa, há as repetições que conferem importância a um determinado acontecimento. Pelo fato de as narrativas bíblicas serem sucintas, as palavras têm força, pois são escolhidas com uma função determinante. Sendo assim, as repetições ganham importância temática que não se vê em outras narrativas. A técnica de repetição da ação acontece nas outras versões do chamado de Paulo, nas quais se podem observar variações que ocorrem em circunstâncias diferentes da narrativa.⁵⁵

A repetição dos relatos no livro dos Atos não configura um modo de chamar a atenção, mas faz parte do plano narrativo do autor em função da

⁵² CASALEGNO, *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, p. 221.

⁵³ *Ibid.*, p. 217.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 225.

⁵⁵ ALTER, *A arte da narrativa bíblica*, p. 265-267.

teologia que ele tenciona transmitir. Lucas busca sempre relacionar Jesus e Paulo, suas semelhanças e diferenças.⁵⁶

Com seu jogo de semelhanças e dessemelhanças, a redundância permite assinalar a presença do mesmo quando as coisas mudam, ou, se se preferir, assinalar a diferença quando as coisas se reproduzem. Em outros termos, considero que uma dialética teológica entre a identidade e a diferença se expressa pelo jogo literário da semelhança e da dessemelhança. Somente um exemplo. A viagem constitui a estrutura formal tanto da vida de Jesus como da vida de Paulo nos Atos: a mesma itinerância, a mesma hostilidade encontrada, a mesma paixão – e, no entanto, nada é exatamente igual entre Jesus e Paulo; o discípulo não se confunde com o mestre.⁵⁷

No capítulo 9, o autor deixa evidente a intenção de Paulo em relação aos cristãos. Logo após a aparição de Cristo ressuscitado e do encontro com Ananias, Saulo, de perseguidor, passa a testemunha de Cristo. O passar de perseguidor a perseguido constitui a mudança da identidade de Saulo.⁵⁸

O enunciador de Atos 9 é o narrador onisciente. O uso da terceira pessoa gramatical dá ao texto objetividade, diferente de quando se usa a primeira pessoa:

At 9 não é apenas o “primeiro no desenrolar-se na narrativa; ele é o primeiro na hierarquia das instâncias narrativas”. Para usar o vocabulário de Genette: o enunciado de At 9 é “extradieético” (o primeiro narrador), ao passo que em At 22 e 26 o enunciado é “intradieético” (Paulo, figura interna do relato).⁵⁹

Para Marguerat, o que aconteceu no caminho de Damasco realiza a “destruição do projeto de perseguição de Paulo e a reconstrução de sua identidade”,⁶⁰ uma identidade que lhe foi definida por Deus: “Este é um instrumento por mim escolhido para dar testemunho do meu nome perante as nações pagãs, os reis e os filhos de Israel”.

O relato deixa claro ao leitor a força de Cristo diante dos seus opositores, mas também busca fazer com que a Igreja conheça a nova identidade de Saulo,

⁵⁶ MARGUERAT, *A primeira história do cristianismo*. Os Atos dos Apóstolos, p. 202-203.

⁵⁷ Ibid., p. 203.

⁵⁸ Ibid., p. 205.

⁵⁹ Ibid., p. 206-207.

⁶⁰ Ibid., p. 211.

que doravante se tornará um missionário universal. A intenção é “estabelecer uma mediação eclesial na transformação de Saulo”.⁶¹

Conforme Marguerat, At 9 ressalta a “mediação eclesial”; o conjunto narrativo que vai desde o capítulo 9 até o capítulo 26 retoma o tema da missão aos gentios, a partir do chamado de Paulo, sendo este acontecimento o guia durante a narrativa “da expansão da Igreja para fora do judaísmo, de um lado para apontar a origem de tal movimento (At 9), de outro para lhe dar uma interpretação teológica (At 22;26)”.⁶²

O acontecimento de Damasco é exaltado por Lucas porque, além da propagação do cristianismo, esse evento esclarece os traços da “identidade cristã em sua relação de continuidade e de diferença para com o judaísmo”; o chamado de Paulo é emblemático e representativo, e evidencia que “por meio daquela ruptura a fé cristã guarda uma fidelidade radical a Deus dos patriarcas” permitindo ao autor desenvolver a teologia do poder do ressuscitado que modifica a história. A finalidade é mostrar “como o antigo perseguidor foi brutalmente sacudido pelo Cristo glorioso, de quem se fazia inimigo, e chamado por ele para proclamar seu nome entre judeus e pagãos”.⁶³

Ações realizadas sem muitos pormenores e outras descritas de forma minuciosa devem chamar a atenção do leitor, da mesma forma que as mudanças de tempo ou de cenário, a escolha por diálogos em momentos específicos e as repetições são chaves para compreender o que o autor quer revelar.

No caso da perícopes analisada, o narrador e o leitor sabem quem é Jesus, mas Paulo não. Ele precisa passar pelo processo do conhecimento (as perguntas dirigidas a Jesus são diretas) essa experiência transformadora fará com que ele interprete sua vida e história à luz desse encontro.

3.3. Análise teológica

Ainda se constitui objeto de discussão se a experiência de Damasco deve ser considerada uma conversão ou uma vocação. O termo “conversão” pode ser compreendido de vários modos. Se se considera como sendo a renúncia a uma religião por outra, não se adequa a Paulo, pois para ele aderir a fé cristã não

⁶¹ MARGUERAT, *A primeira história do cristianismo*. Os Atos dos Apóstolos, p. 215.

⁶² Ibid., p. 221.

⁶³ Ibid., p. 221-222.

significava abraçar uma religião nova, diversa do judaísmo. Ele “continua sendo hebreu e judeu, de raça e de religião”.⁶⁴

Para Paulo, o acontecimento de Damasco foi “um chamado de Deus, uma vocação a uma missão”.⁶⁵ Ele recebeu uma visão como os profetas do Antigo Testamento, uma visão inesperada como a recebida por eles, e do mesmo modo precisa responder a esse chamado. Por meio da graça será realizada a missão que lhe foi atribuída.

A visão do caminho de Damasco, significou para Paulo o seu chamado ao apostolado. A partir daí ele se sente separado por Deus para tornar-se anunciador da Boa-Nova a todos os povos. Essa visão o mudou a partir de dentro, pois a presença de Cristo vem com força sobre ele. A sua ressurreição e “as consequências teológicas do fato o abalam e o penetram até no íntimo”.⁶⁶ Ele muda e continua sendo mudado na experiência que vai sendo assimilada.

Paulo é posto à parte, escolhido para falar de Cristo e testemunhá-lo, “no meio das perseguições, diante dos reis, das nações e de Israel (At 9,15)”.⁶⁷ Abandona imediatamente a perseguição à Igreja e obedece ao chamado de Cristo.

A partir dessa visão, advém uma luz que ilumina o seu interior, o conforma a Cristo e o insere num novo caminho em missão. A visão não foi um acontecimento transitório, mas algo que o transformou internamente e para sempre, levando-o a realizar a missão confiada pelo Senhor. Uma nova relação é constituída entre Paulo e Cristo.⁶⁸

A vida de Paulo é permeada pela revelação do mistério, e o seu apostolado prescinde de um relacionamento profundo com Deus. A sua teologia baseia-se na participação na vida de Cristo ressuscitado.⁶⁹

Conforme a explanação de Marguerat, Paulo adquiriu na experiência de Damasco quatro conhecimentos novos: (1) “o conhecimento teológico” segundo o qual Deus age de novo na história e através da sua intervenção novos horizontes se abrem; (2) o “conhecimento cristológico”, em que Jesus crucificado

⁶⁴ CERFAUX, L. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus/Teológica, 2003. p. 86.

⁶⁵ Ibid., p. 91.

⁶⁶ Ibid., p. 377.

⁶⁷ Ibid., p. 92.

⁶⁸ Ibid., p. 377-378.

⁶⁹ Ibid., p. 382.

e ressuscitado “é o portador permanente do poder e da revelação de Deus”; (3) “o conhecimento soteriológico”, no qual Cristo “integra os crentes em seu senhorio, e já no presente”; (4) “a dimensão biográfica”, em que Paulo é escolhido como propagador universal da Boa-Nova e se torna “participante do plano divino da salvação”, por meio do anúncio do Evangelho.⁷⁰

O acontecimento de Damasco foi completamente imprevisto na vida de Paulo, mudando radicalmente os seus planos. De forma inesperada, ele precisou dar novo sentido e significado à sua fé, às suas convicções religiosas, à salvação, à história e à sua missão.⁷¹ A luz que veio dessa experiência modificou a sua compreensão sobre a Lei a qual passou a ser compreendida a partir do Cristo crucificado e ressuscitado.⁷²

Paulo repensa toda a realidade humana e, à luz desse novo entendimento, reinterpreta a história da salvação e chega à compreensão de que a salvação de Deus se realiza em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado.⁷³

É difícil conceber que uma pessoa na condição de fiel observante da Lei e perseguidor da Igreja, passe a anunciar a mensagem que ele mesmo se opunha. Mas a experiência de Cristo deu a Paulo a clara compreensão de que a observância à Lei mosaica não era um pré-requisito à salvação, pois a graça de Deus salva independente dos merecimentos de quem a recebe. O próprio Paulo foi chamado por graça, por dom, independente do que ele fez ou não para merecer.

A experiência de ser salvo por uma graça que ultrapassa os seus esquemas normativos, o faz sentir-se indistintamente acolhido. A partir do que ele próprio experimentou, Paulo entendeu que a graça não vem como recompensa pelos bons méritos, mas é dom gratuito de Deus.

3.3.1. O Cristo crucificado/ressuscitado como fundamento da fé

Ele foi a última testemunha a ver o Cristo ressuscitado: “Em último lugar, por assim dizer como a um abortivo, ele apareceu também a mim” (1Cor 15,8).

⁷⁰ DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 342-343.

⁷¹ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 258.

⁷² DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT, *Paulo, uma teologia em construção*, p. 298.

⁷³ *Ibid.*, p. 360.

Essa visão dá a Paulo a certeza de que Jesus venceu a morte e está junto de Deus.⁷⁴

Em Damasco, Paulo compreende que “Jesus não morreu como alguém amaldiçoado na cruz, mas é o representante de Deus, o portador premente da glória de Deus”. A partir dessa experiência surge um novo horizonte de sentido. Enquanto ele rejeitava um messias crucificado, Damasco o faz enxergar que existe “na cruz um potencial de sentido inesperado”. A partir daí, Paulo vê uma criação de sentido universal que possibilita a todos uma nova orientação para a vida.⁷⁵

Cristo crucificado era tido como “maldito”, pois segundo o Dt 21,23 “o que for suspenso (crucificado) é um maldito de Deus”; portanto, não se poderia conceber que Cristo fosse o Messias. Mas, após o encontro com o ressuscitado, Paulo entende que ele é “de Deus e que Deus não o deixou entregue à morte”.⁷⁶

No pensamento de Paulo, a cruz é o lugar que marca a passagem da morte para a vida e por isso é de grande relevância para a teologia paulina, “o Ressuscitado é o Crucificado”. Esses dois acontecimentos, morte e ressurreição, estão entrelaçados e a cruz é o lugar histórico em que “se manifesta o amor de Deus”, pois Deus realiza a sua ação salvífica na história.⁷⁷

Paulo compreende, portanto, que o Ressuscitado “se entregou ao Pai não por meio da observação da Lei, mas oferecendo-se na cruz”. É uma nova leitura que o leva a uma mudança radical e coloca em xeque tudo aquilo em que antes ele acreditava. A Lei não justifica, mas somente Cristo. A assimilação da verdade de Cristo o faz entregar-se por completo. “Para mim, viver é Cristo” (Fl 1,21). É uma luz nova e o despontar de uma transformação que o leva “à comunhão com Deus”, à justificação.⁷⁸

Quando Paulo fala em primeira pessoa do seu chamado, não faz nenhuma menção sobre a Lei. O que ele ressalta dessa experiência é que o crucificado é o Filho de Deus e está ao lado do Pai, e salva. Não se diz quais as

⁷⁴ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 286.

⁷⁵ Ibid., 307.

⁷⁶ REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 48.

⁷⁷ DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT, *Paulo, uma teologia em construção*, p. 350.

⁷⁸ REYNIER, op. cit., p. 48.

consequências que esse evento que mudou Paulo teve para a compreensão da Lei do antigo fariseu.⁷⁹

No entendimento de Paulo, os cristãos participam da salvação adquirida na morte e na ressurreição de Jesus Cristo pelo dom do Espírito no Batismo. E ressalta o dom da salvação no hoje da história: “Eis agora o momento favorável. Eis agora o dia da salvação” (2Cor 6,2b).⁸⁰

Paulo é testemunha de uma revelação, ele viu o “Filho de Deus na glória”. Essa experiência marca-o para sempre. Ele anuncia o que viu: o Cristo glorioso. “Deus, que disse ‘das trevas brilhe a luz’, faz brilhar a sua luz em nossos corações, para que irradiássemos (sobre os homens) o conhecimento do esplendor de Deus (que nós percebemos) na face de Cristo (2Cor 4,6)”.⁸¹

3.3.2. O que mudou em Paulo após o evento de Damasco

Paulo é abalado. Todas as suas certezas também. A sua visão de Deus e do homem se modifica. Tudo se transforma. A revelação do Filho de Deus reorienta e dá novo fundamento a sua fé, ao seu modo de interpretar a Lei farisaica. Essa transformação só pode se dá por Deus mediante Cristo: “Já fui alcançado por Cristo” (Fl 3,12).⁸²

O perseguidor abandona o seu intento, o seu mundo estabelecido, e abraça a missão que lhe foi reservada pelo Senhor. O encontro com o ressuscitado coloca um termo à perseguição e, ao mesmo tempo, o convoca para anunciar o Evangelho a todos os povos. Jesus, a quem Paulo “descobre pelo caminho como ‘a luz do mundo’, não deve permanecer escondido”.⁸³

O encontro de Damasco torna-se uma ruptura na vida do perseguidor. Aquele que se opunha a Cristo obtém um “conhecimento sobre o significado de Deus, que ele pensava servir com zelo ao perseguir os cristãos”, mas também dá-lhe uma “existência nova”, que o faz construir uma nova maneira de interagir com o mundo e o conduz a uma nova interpretação da Sagrada Escritura.⁸⁴

O relato de Atos 9, por meio da riqueza literária com que é construído, narra a radical mudança ocorrida em Paulo, mas para Reynier não é

⁷⁹ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 79.

⁸⁰ DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT, op. cit., p.348.

⁸¹ CERFAUX, *O cristão na teologia de Paulo*, p. 90-93.

⁸² REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 38.

⁸³ Ibid., p. 39.

⁸⁴ Ibid., p. 39.

compreendido como uma conversão, pois a conversão implica a renúncia a uma vida pervertida. Paulo sempre foi conhecido como um homem zeloso pela glória de Deus, um fariseu sem repreensão. A mudança que se dá em Paulo diz respeito ao “âmbito da fé em Cristo Jesus e toca os recantos mais determinantes de sua consciência e de seu ser”.⁸⁵

A comunidade é representada por Ananias, que recebe a função de “integrar Paulo à comunidade (At 9,10-19)” por meio do batismo, no qual Paulo será imerso no mistério da vida e morte de Cristo. É na comunidade que ele recolhe o fundamento da fé cristã, Cristo morto e ressuscitado, e é a partir dessa experiência que ele vai se reedificar.⁸⁶

O encontro com Cristo na estrada de Damasco e com a comunidade põe por terra o que Paulo procurava combater. Abre-se um “horizonte de sentido, completamente desconhecido”. À luz dessa experiência, ele relê o Antigo Testamento e compreende o anúncio de Cristo.⁸⁷

Tudo o que Paulo pensava receber mediante a Lei é dado por Cristo. Tudo o que ele tinha antes perde o sentido sem Jesus, tudo é considerado “lixo”. Apesar disso, ele continua sendo judeu, “por sua cultura”. A ruptura entre cristianismo e judaísmo acontece somente depois de 70. Paulo “faz a passagem entre o Antigo e o Novo Testamento”.⁸⁸

Ele acreditava que a salvação era reservada apenas a Israel e por isso perseguia os que não obedeciam à Lei de Moisés. Deus lhe pede exatamente o contrário do que ele vivia: a abertura da mensagem a outros povos, os gentios.⁸⁹

Após o evento de Damasco, Paulo se sente autorizado a comunicar a riqueza do mistério de Cristo e sua Boa-Nova. Assim ele escreve: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e de pôr em luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus” (Ef 3,8-9).⁹⁰

Quanto Paulo se remete à revelação no caminho de Damasco, afirma: “Cristo foi visto por mim” (1Cor 15,8; cf. 9,1). Foi o encontro com o ressuscitado

⁸⁵ REYNIER, *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 40-41.

⁸⁶ Ibid., p. 42.

⁸⁷ Ibid., p. 48.

⁸⁸ Ibid., p. 48-50.

⁸⁹ Ibid., p. 51.

⁹⁰ Ibid., p. 51.

que o levou a compreender a filiação divina do homem Jesus. Dessa forma, o que os cristãos pregavam era a verdade, o que antes era considerado por ele como uma blasfêmia e um escândalo.⁹¹

Para Bultmann, o sentido da conversão de Paulo está na “renúncia à autocompreensão que teve até então, isto é, a renúncia àquilo que até então fora norma e sentido de sua vida, o sacrifício daquilo que fora até então seu orgulho (Fl 3,4-7)”. Para o autor, a conversão de Paulo não se refere a um arrependimento, mas à obediência “ao juízo de Deus manifesto na cruz de Cristo sobre todo o realizar-se e gloriar-se humanos”.⁹²

3.3.3. Teologia do autor

Lucas elege um ponto de vista para contar a história, e a partir daí escolhe os fatos que considera adequados para apresentar à sua leitura teológica com a finalidade de mostrar a maneira como Deus conduz os que nele confiam. O autor dos Atos quer deixar claro como o Evangelho saiu do ambiente judaico e chegou aos pagãos; o itinerário percorrido manifesta a expansão da Boa-Nova para as nações.⁹³

No entender de Lucas, Paulo foi o mediador para que a salvação chegasse aos pagãos como resultado do projeto de Deus. Como historiador, ele não narra acerca de tudo em relação à origem do cristianismo, mas, como teólogo, defende que a expansão do cristianismo às nações se deu por meio de Pedro e, sobretudo, de Paulo. Os Atos apresentam o início do cristianismo, a partir da missão de Paulo, o apóstolo dos gentios.⁹⁴

Lucas vê Paulo não apenas como um anunciador da Boa-Nova para os gentios, mas como judeu convertido que representa a benéfica continuidade histórica com Israel, reivindicada pelo cristianismo. Nos outros dois relatos (At 22 e 26), Paulo defende sua inocência diante de seus acusadores usando sempre a mesma defesa, “a revelação do Deus de Israel, e se vê perseguido por causa de uma crença que representa, no entanto, a esperança de Israel: a ressurreição dos mortos (23,6; 28,20)”.⁹⁵

⁹¹ KUMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus/Teológica, 2003. p. 193.

⁹² BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 243-244.

⁹³ MARGUERAT, *Novo Testamento: história, escritura e teologia*, p. 137.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 156.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 160.

Lucas, ao apresentar Paulo nesta narrativa, não está circunscrito a escolhas teológicas ou históricas, mas pleiteia apresentar um “modelo ideal de cristão e apóstolo”. O relato de Atos 9 leva a refletir sobre a força do agir de Deus, e a presteza de Paulo sugere como deve ser a resposta de quem assume tal projeto.⁹⁶

O autor bíblico evidencia a expansão do cristianismo a partir do chamado de Paulo. Para isso utiliza a estratégia narrativa da repetição. Este episódio é relatado três vezes nos Atos, mas o primeiro relato contém profusão de detalhes, acentuando “a ligação de Paulo com a igreja de Damasco (9,1-19)”.⁹⁷

O que aqui se pretende é demonstrar a eficácia da ação de Deus e reconhecer como legítima “a passagem da missão cristã do âmbito judaico para o pagão e, por outro lado, autenticar a função missionária de Paulo”, que até então era desconhecido dos líderes de Jerusalém.⁹⁸

No viés de Lucas, Paulo e a sua atividade apostólica unem a igreja dos pagãos convertidos à Igreja primitiva, composta pelos judeu-cristãos. Já Paulo menciona nas suas cartas o aspecto teológico do evento de Damasco. “Ela foi um verdadeiro encontro com o Senhor ressuscitado que, do mesmo modo como aos outros apóstolos, habilita Paulo ao trabalho missionário entre os pagãos (cf. Gl 1,12-16; 1Cor 9,1; 15,8)”.⁹⁹

A aparição de Jesus no caminho de Damasco não reivindica a sua identidade messiânica, mas modifica bruscamente a vida de Paulo, momento em que a sua conversão e a sua vocação acontecem juntas. A maneira de realizar a missão e o seu conteúdo serão indicados a Paulo pela comunidade de Damasco. Desse modo, Lucas mostra que a missão de Paulo nasce em Jesus, mas se concretiza no seio da Igreja e dá destaque ao agir de Deus, uma vez que aquele que perseguia os cristãos em Damasco deve agora unir-se a eles no caminho de conformação a Cristo.¹⁰⁰

O que dá forma ao diálogo ocorrido no encontro de Damasco e revela a poderosa ação de Deus é a reação dos que acompanham Paulo e dele mesmo. A perplexidade com que vivem essa experiência testemunha a revelação. Para

⁹⁶ FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 183.

⁹⁷ Ibid., p. 185.

⁹⁸ Ibid., p. 185.

⁹⁹ Ibid., p. 86.

¹⁰⁰ Ibid., p. 188.

Paulo, a experiência é arrebatadora: além de cair por terra, fica cego diante da grandiosidade da luz que agora o ilumina e é levado a Damasco pelos que o acompanhavam na viagem. Paradoxalmente, o perseguidor dos cristãos precisa ser guiado por outros. Em Damasco, “fica *três dias sem ver, sem comer e sem nada beber*” (grifo do autor). “É uma experiência de morte, de ruptura radical com o passado. A experiência cristã para Paulo será como um renascimento, uma verdadeira ressurreição espiritual”.¹⁰¹

Segundo Fabris, para o autor dos Atos o que motiva a transformação de Paulo é a “ação de Deus”. Por intermédio de Ananias, os leitores dão-se conta da mudança ocorrida em Paulo, aquele que perseguia os cristãos a fim de prendê-los foi chamado por Deus para testemunhá-lo em meio aos judeus e pagãos. O perseguidor irá ele mesmo ser perseguido por causa de Cristo.¹⁰²

Lucas não se prende aos detalhes do que aconteceu com Paulo na estrada de Damasco, mas busca expressar o sentido desse acontecimento.¹⁰³

Conclusão

Os acontecimentos são interpretados a partir das experiências que lhe trazem sentido e significado. Na história do ser humano suas experiências lhe apresentam as principais questões da vida que são narradas dentro dos seus espaços culturais.¹⁰⁴

As narrativas têm por característica formar identidade por meio de relações de sentido que as pessoas levam para a vida. Nelas tem-se acesso às memórias que transmitem valores e normas, conduzem a reflexões e formam consciência. Elas incitam a continuidade no presente e futuro, os quais são transmitidos através dos tempos e colocam o fundamento para o estabelecimento e formação das tradições.¹⁰⁵

Por meio das narrativas, é possível interpretar experiências do passado, pois a construção de relações de tempo está vinculada a atos narrativos. As funções da narração “deixam claro que uma distinção entre a narração ficcional

¹⁰¹ FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 188.

¹⁰² *Ibid.*, p. 189.

¹⁰³ MARSHALL, I. Howard. *Atos: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida nova, 1982. p. 162.

¹⁰⁴ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 24-25.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 39-40.

e a narração não ficcional não faz sentido”, pois há em cada narrativa elementos ficcionais e não ficcionais.¹⁰⁶

Na narrativa de Atos 9,1-19a, Lucas apresenta Paulo como um fiel observante da Lei, um exímio representante das tradições judaicas que soube integrá-la a novos contextos a fim de criar comunidades abertas e com capacidade de diálogo. Ele não se atém ao aspecto biográfico ou à doutrina paulina. O seu interesse centra-se em “justificar a chegada do Evangelho de Jerusalém a Roma; em mostrar a relação entre Israel e a Igreja através de uma figura autorizada das origens do cristianismo”. Preocupa-se em justificar a existência de uma comunidade vinda do paganismo, com raízes judaicas, e “em legitimar esta abertura mediante a autoridade e a missão de Pedro e de Paulo”.¹⁰⁷

Desse modo, mostra a continuidade da história da salvação de Israel até à Igreja e esclarece que o rompimento com a sinagoga “não significa para ele ruptura com a tradição judaica nem com as promessas de Deus no AT”.¹⁰⁸

Para Lucas, tornar-se discípulo de Jesus não significava abrir mão da história, mas abrir espaço para uma visão mais ampla em diálogo com as autoridades e os modelos da época.¹⁰⁹

O relato da vocação de Paulo narra a transformação da imagem que ele tinha do Deus dos seus pais. Ele passa de um conhecimento de Deus através da observância da Lei, que rejeitava tudo o que era considerado impuro, a um Deus que vai ao encontro dos que são considerados impuros e os acolhe como filhos. Paulo reconheceu no crucificado o Messias e fez a experiência do agir de Deus que não se limita a merecimentos, mas ama o ser humano como ele é.¹¹⁰

A partir dessa experiência, o entendimento da Escritura ganhou um novo sentido, com o Cristo crucificado e ressuscitado. Tal evento pode ser definido como uma cristofania, “aparição do Crucificado ressuscitado”.¹¹¹

Damasco dá a Paulo uma identidade nova que o ajuda na compreensão da experiência e do que ela trouxe consigo. A partir de Damasco se abrem para

¹⁰⁶ SCHNELLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 40.

¹⁰⁷ ARBIOL, Carlos Gil. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018. (No prelo).

¹⁰⁸ Ibid., (no prelo).

¹⁰⁹ Ibid., (no prelo).

¹¹⁰ Ibid., (no prelo).

¹¹¹ DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT, *Paulo, uma teologia em construção*, p. 315.

Paulo novas perspectivas. O Jesus que morreu crucificado ressuscitou e apareceu a Paulo “no espaço e no tempo”. Após a visão do ressuscitado, Paulo renuncia ao seu “eu” de antes, deixa para trás o velho, despoja-se e se torna um novo ser em Cristo. Ele compreende que foi por meio da ressurreição de Jesus Cristo que Deus manifestou a sua salvação. Essa compreensão muda o modo como ele via a si mesmo e ao mundo: “Deus lhe concedeu um novo conhecimento da pessoa de Jesus Cristo e lhe conferiu uma nova missão: anunciar o Evangelho de Jesus Cristo aos pagãos”.¹¹²

Do encontro com Jesus Cristo e da missão que lhe foi confiada, adveio sua identidade de apóstolo, e muito do que ele trouxe do judaísmo reveste sua nova identidade e, por outro lado, o faz enxergar de maneira nova. A identidade é resultado de “um contínuo processo de transformação” que aconteceu pouco a pouco.¹¹³

A experiência de Damasco foi determinante para a compreensão da cruz e para a busca de sentido. Era impensável conceber um Messias crucificado, pois um acontecimento como este era considerado um escândalo. Paulo se defronta com a missão de “revestir de sentido e de importância os fatos, transformar o caos de uma factualidade desprovida de sentido num mundo de história significativa”.¹¹⁴

O apóstolo, dentro da perspectiva da Lei mosaica, sabia-se pertencente ao povo eleito ao qual estava garantida a salvação, tanto por nascimento, enquanto herdeiro das promessas, quanto pela prática da Torá, por meio do farisaísmo. Paulo se define vocacionado ao anúncio aos gentios e não mais somente aos judeus.¹¹⁵

¹¹² DETTWILER; KAESTLI; MARGUERAT, *Paulo, uma teologia em construção*, p. 346-347.

¹¹³ *Ibid.*, p. 346-347.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 347-348.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 282-284.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi demonstrar a importância da narrativa para a teologia. Com essa intenção, foram apresentados os processos da construção da narrativa, tendo como suporte os princípios gerais do gênero literário narração, destinados a orientar a interpretação e a análise de um texto narrativo.

Em seguida, apresentou-se um breve histórico de estudos e reflexões acerca dos principais métodos de análise da Bíblia, por meio do qual foi possível perceber a evolução da análise narrativa dos seus inícios à atualidade. Deu-se especial ênfase ao método de análise narrativa, o qual trouxe importantes ferramentas para compreender a teologia narrativa. A partir daí, foi aplicado o método de análise narrativa à perícopes de Atos 9,1-19a a fim de demonstrar a teologia contida no texto narrativo.

Buscou-se, portanto, entrar nesse universo e entender os elementos de composição da teologia narrativa, bem como as diversas estratégias usadas pelo autor bíblico para atrair o leitor e despertar nele emoções e sentimentos.

Sabe-se que o leitor, antes de tudo, é alguém que se expressa todo o tempo e manifesta emoções e sentimentos no decorrer da leitura. O leitor atento e sensível percebe os sinais sutis que o texto apresenta. Aí está a riqueza do texto literário, que carrega em si sentidos que não se esgotam, mas que, por vezes, precisam ser desvelados durante a leitura.

Na perícopes analisada (Atos 9,1-19a), foi possível sublinhar alguns pontos-chave: a extraordinária transformação ocorrida em Paulo, passando de perseguidor a perseguido por causa da Boa-Nova, antes por ele combatida; a mudança de visão em relação à Lei, à Salvação; a experiência da graça; a mediação da comunidade no encontro com Ananias e no batismo que o prepara, por meio do dom do Espírito, a assumir e realizar a missão a ele confiada, até o martírio. Destaca-se também que a manifestação de Cristo em sua vida o levou a uma releitura do sentido da cruz e da ressurreição, fazendo-o abraçar, na fé, o Mistério de Cristo e impelindo-o a propagar essa experiência pessoal e comunitária até os confins do mundo, a fim de que todas as gentes pudessem acolher a salvação.

As imagens literariamente construídas, a luz, a voz, a cegueira, a queda, como também o que lhe ocorreu após o encontro com Cristo, os três dias sem enxergar, sem comer e sem beber revelam a força da experiência e, ao mesmo tempo, a missão recebida.

Três dias é simbólico na Bíblia. Há narrativas bíblicas nas quais no terceiro dia Deus manifesta a sua vontade. Alguns exemplos dessa ocorrência podemos ver nestas narrativas: Gn 22,4; Gn 40,20; Ex 19,1.11.15.16 e 1 Cor 15,4: “Foi sepultado e foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras”.

Atos 9,1-19a, por meio da sua rica construção literária, narra a radical mudança ocorrida em Paulo e a sua vocação missionária. A repetição do seu nome “Saulo, Saulo”, no ato da revelação de Cristo, revela um chamado e uma missão, assim como aconteceu aos patriarcas e profetas. O personagem central da narrativa é o Cristo ressuscitado, que toma a iniciativa de chamar Paulo a ser “instrumento eleito” para levar o seu nome “aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel” (Atos 9,15).

A missão de Paulo nasce no encontro com Cristo e se realiza na Igreja. É a assimilação dessa experiência e da verdade de Cristo, a nova Lei, que o leva a declarar: “Para mim, o viver é Cristo” (Fl 1,21).

Ao pontuar os elementos teológicos/literários levantados neste estudo por meio da análise narrativa, não se deixou de levar em conta os questionamentos que interpelam os pesquisadores da teologia narrativa, uma vez que se lida com textos antigos, considerados históricos e sagrados. O pesquisador não incorreria em grande risco ao estudar essas narrativas tomando-as como ficção, mesmo tendo presente que a ficção pode apresentar uma correspondência com a realidade?¹

A questão é bastante plausível, uma vez que se pode dar a impressão de querer encapsular a Bíblia em categorias literárias, quando os seus textos são de cunho teológico. Alter rebate esses questionamentos ao afirmar que “a história tem relações muito mais estreitas com a ficção do que em geral se supõe, conforme recentemente afirmaram vários historiadores”,² e tanto a narrativa histórica quanto a ficcional compartilham estratégias narrativas e de construções imaginativas.

¹ ALTER, *A arte da narrativa bíblica*, p. 44.

² *Ibid.*, p. 45.

Apesar de a prosa de ficção ser, segundo Alter, “a melhor rubrica geral para classificar as narrativas bíblicas”,³ ele esclarece que não deseja com isso desconsiderar o caráter histórico que perpassa a Bíblia, pois o Deus de Israel é o Deus da história. No seu entender, “a ficção era o principal recurso à disposição dos escritores bíblicos para compreender a história”.⁴

Manzatto, nesse sentido, afirma que “a religiosidade é humana e cabe dentro do universo literário; ficção e poesia são realizações humanas e podem ser meios e caminhos da revelação de Deus, cabendo dentro do universo teológico”.⁵

Com todo o exposto, percebe-se que a Palavra de Deus é sempre viva e atual. Por isso, o trabalho de interpretação deve apresentá-la como Palavra dinâmica que perpassa e ilumina as realidades de hoje. O texto tem a tarefa de falar aos leitores de hoje, confrontá-los em sua interpretação e conduzi-los à assimilação do texto na vida. Os métodos hermenêuticos possibilitam essa atualização.

A pesquisa apontou que a força da teologia narrativa advém da própria palavra bíblica ao relatar a experiência com um Deus que se revela por meio da linguagem e na história. Ocupar-se da linguagem é dialogar com o que constitui a essência das pessoas, seus ideais, suas histórias, suas lutas, suas esperanças e suas utopias. Os relatos bíblicos são compostos levando em conta todos esses aspectos. Portanto, não é possível fazer uma distinção exata entre o que é literatura e o que é teologia nessas narrativas, pois essas duas dimensões interagem de maneira profunda e complexa.

O estudo realizado mostra que a teologia narrativa mostrou-se suficiente para atender às indagações e serviu para estabelecer parâmetros para a obtenção de instrumentos de análise. No entanto, recorda-se que as questões abordadas neste trabalho não esgotam todas as possibilidades de pesquisa, considerando que o estudo da análise narrativa é um campo ainda recente, sobretudo no Brasil.

³ ALTER, *A arte da narrativa bíblica*, p. 46.

⁴ Ibid., p. 58.

⁵ MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela. *Teologia e arte*. Expressões de transcendência, caminhos de renovação. São Paulo: Paulinas, 2011. In: MANZATTO, Antonio. *Pequeno panorama de teologia e literatura*. Capítulo VII. p. 97.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências principais

- A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.
- ALETTI, Jean-Noël et al. *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*. São Paulo: Loyola, 2011.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARBIOL, Carlos Gil. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos; uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BÍBLIA. Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.
- BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e literatura; afinidades e segredos compartilhados*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Editora PUC, 2015.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CERFAUX, L. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus/Teológica, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a revelação divina. 19. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011.
- DIAS, Elisângela Chaves. *A vida de Sara e o cumprimento da promessa – Aliança: Exegese narrativa de Gn 23,1-20*. Rio de Janeiro, 2016. Tese Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DÔNDICI, Geraldo (org.). *Fecundados pela Palavra: Comentários à Exortação Apostólica Verbum Domini*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Paulus, 2014.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994.
- EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Loyola, 2011. Tradução, introduções e notas. Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL VERBUM DOMINI; sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.
- FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- GANCHO, Cândida Vilarés. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

- GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- GONÇALVES, Magaly Trindade; BELLODI, Zina C. *Teoria da literatura "revisitada"*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KUMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus/Teológica, 2003.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica; teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras; teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura; reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *A primeira história do cristianismo: Os Atos dos Apóstolos*. Tradução: Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas; iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MARGUERAT, Daniel; WÉNIN, André. *Sapori del racconto bíblico; una nuova guida a testi millenari*. Bologna: EDB, 2013.
- MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1986.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- _____. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. *A criação literária*. Prosa 1. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Loyola, 2013.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e as suas sagradas escrituras na bíblia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- REYNIER, Chantal. *Para ler o apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2012.
- RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Escritos e conferências 2: hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André (SP): Academia cristã, 2017.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SKA, Jean.-Louis. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.
- VILLAS BOAS, Alex. *Teologia em diálogo com a Literatura: origem e tarefa poética da teologia*. São Paulo: Paulus, 2016.
- VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia; primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1–12,4*. São Paulo: Loyola, 2011.

- _____. *Samuel, juez y profeta*; lectura narrativa. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1996.
- _____. *El libro de Rut*; aproximación narrativa. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2000.
- YOFRE, Horácio Simian (coord.); GARGANO, Innocenzo; SKA, Jean Louis; PISANO, Stephen. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ZAPPELLA, Luciano. *Manuale di analisi narrativa biblica*. Torino: Claudiana, 2014.

Artigos

- DE MORI, Geraldo. Paul Ricoeur e a Teologia. In: *Theoria – Revista eletrônica de Filosofia*. Faculdade Católica de Pouso Alegre, vol. VI, n. 15, p. 47-71, 2014. ISSN 1984-9052.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos. Narrativa e hermenêutica teológica: pressupostos da teologia narrativa. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 (9), p. 6-22, 2002. (Edição online, 2009).
- _____. Invenções religiosas no cotidiano e teologia narrativa. In: *Estudos teológicos*, v. 45, n. 2, p. 90-106, 2005.
- MENDONÇA, José Tolentino. Bíblia e literatura: a reconstrução da evidência. In: *Revista Perspectiva Teológica: teologia e literatura*, ano XLII, n. 117, p. 171-186, maio-ago. 2010.
- PAULA, Adna Candido de. A teoria da interpretação e a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur. In: *Teoliterária*, vol. 2, n. 4, p. 240-252, 2012.
- SALLES, Walter. A hermenêutica textual de Paul Ricoeur: aportes à compreensão da identidade cristã. In: *Atualidade teológica – Revista do Departamento de Teologia da PUC-RIO*, ano XVI, n. 41, p. 242-269, maio-ago. 2012.
- SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação. In: *Comunicações*, Piracicaba, ano 18, n. 2, p. 19-36, jul.-dez. 2011. ISSN Impresso 0104-8481. ISSN Eletrônico 2238 – 121 X.
- VILLAS BOAS, Alex; GRENZER, Matthias. A resistência das parteiras (Ex 1,15-22): especificidades de uma teologia literário-narrativa. In: *Estudos de Religião*, v. 29, n. 1, p. 129-152, jan.-jun. 2015. ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v29n1p129-152>.
- XAVIER, Donizete José. O caráter sacramental da revelação. *Revista de cultura teológica*. Ano XXII. N. 83. Jan./Jun. 2014.
- _____. A poética do devir a partir da hermenêutica bíblica de Raul Ricouer. In: *Teoliterária*, vol.4, n. 7, p. 12-25, 2014.
- XAVIER, Luiz Felipe. *Da hermenêutica filosófica à hermenêutica bíblica: uma análise da compreensão de Paul Ricoeur sobre o mundo do texto e sua influência na busca pelo sentido do discurso religioso*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2011.

Referências secundárias

- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. *A busca da língua perfeita*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- _____. *Conceito de texto*. São Paulo: EDUSP, 1984.
- _____. *A estrutura ausente*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FAUS, José Ignacio Gonzales. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. *La Humanidad Nueva: Ensayo de Cristología*. 9. ed. Maliaño: Sal Terrae, 1984.
- FORTE, Bruno. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulus, 1989.
- GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. *Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica*. Milano: San Pablo/G&BP, 2016.
- HAUGTH, John F. *Mistério e promessa: Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulus, 1998.
- HURTADO, M. *Deus, não sem nós: a humanidade de Deus para pensar Deus e os pobres da terra*. São Paulo: Loyola, 2013.
- KONNINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LATOURELLE, René. *Come Dio si rivela al mondo*. Lettura commentata della Costituzione del Vaticano II sulla Parola di Dio. Assisi: Cittadella, 2000.
- MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a bíblia e sua interpretação*. São Paulo/Recife: Paulinas/UNICAP, 2015.
- _____. *A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- O'COLLINS, Gerald. *Teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1991.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a Revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RODRÍGUEZ, Francisco Martín. *Jesus: relato histórico de Deus: cristologia para viver e rezar*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- SCHOEKEL, Luis Alonso. *Comentarios a la constitución Dei Verbum sobre la divina revelación*. Madrid: BAC, 2012.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SKA, Jean.-Louis. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.
- TAVARES, Sinivaldo S. *Jesus, parábola de Deus: cristologia narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

VILLAS BOAS, Alex. *Teologia e poesia: A busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. Sorocaba: Create Editora, 2011.